

A romantic scene of a man and a woman in a field at sunset. The man, wearing a black cowboy hat and a blue and white plaid shirt, has his eyes closed and is holding the woman. The woman, with blonde hair in a bun, is wearing a green dress with a white collar and has her eyes closed. They are in a field of tall grass with mountains in the background under a dramatic, cloudy sky.

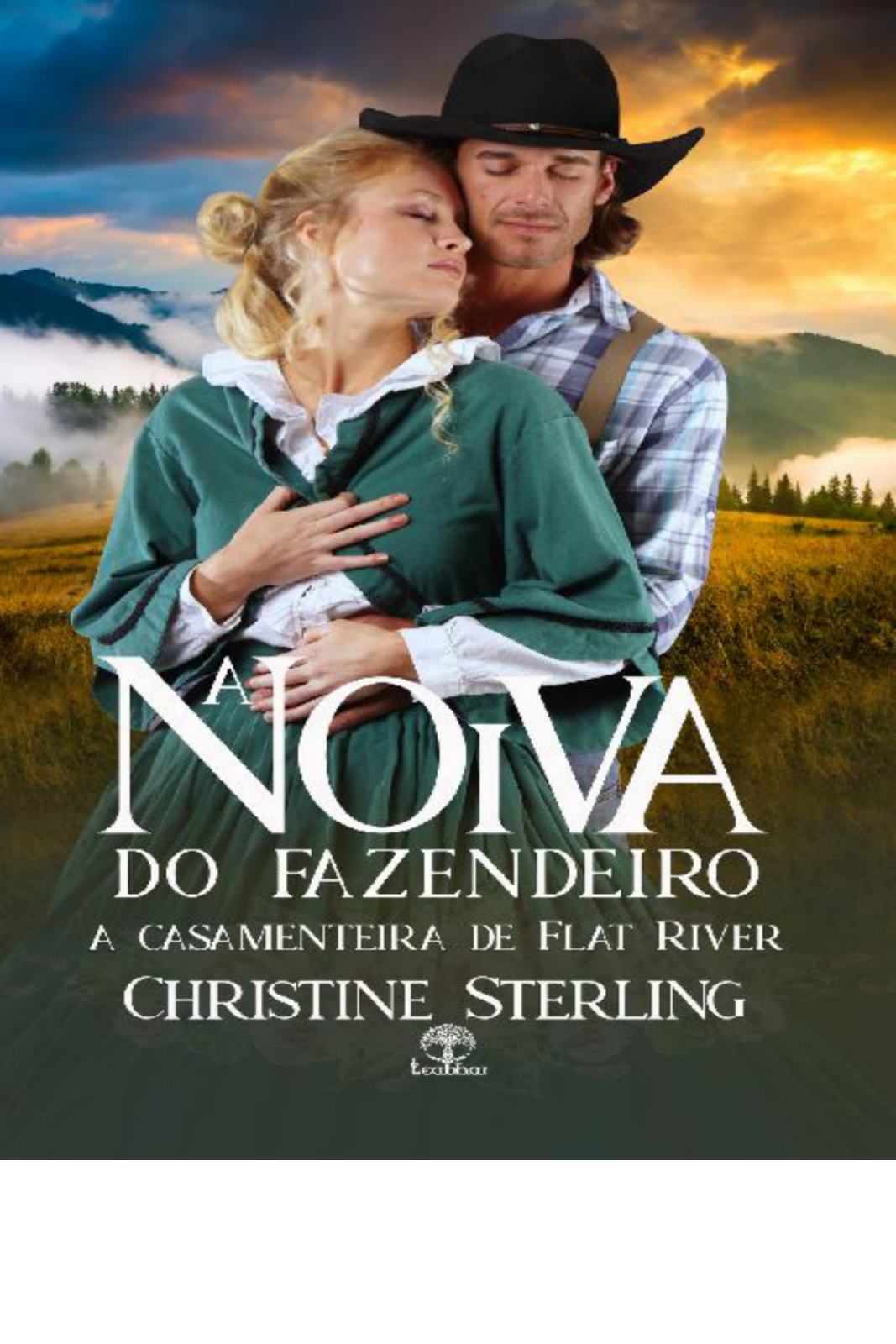
A NOIVA DO FAZENDEIRO

A CASAMENTEIRA DE FLAT RIVER

CHRISTINE STERLING

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A NOIVA DO FAZENDEIRO

A CASAMENTEIRA DE FLAT RIVER
CHRISTINE STERLING



A NOIVA DO FAZENDEIRO

CHRISTINE STERLING



A CASAMENTEIRA DE FLAT RIVER

1ª Edição



DIREITOS AUTORAIS



Título Original: The Farmer's Bride
Flat River Matchmaker 1
Copyright©2022 por Christine Sterling
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres
Revisão: Isabel Vasconcellos
Diagramação e adaptação de Capa: Labellaluna Web®
Arte capa: Virginia McKevitt

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

S838lbe

Sterling, Christiane

Título: A Noiva do Fazendeiro (recurso eletrônico) - ©2024 Leabhar
Books Editora Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de: A Farmer's Bride © 2022 - Christine Sterling.

Formato: Livro digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-294-7

1. Western. 2. Americano. 3. Flôres, R. I. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

CAPÍTULO UM



JULHO DE 1875, FLAT RIVER, NEBRASKA

— Ela não pode ficar aqui.

Elizabet Garrett ofegou quando as palavras de Lucinda encheram o pequeno cômodo. Ela tinha acabado de voltar da coleta de frutas silvestres no riacho quando as palavras horríveis chegaram à área pouco iluminada perto da porta dos fundos da casa de três cômodos.

Encostou as costas na parede e forçou os ouvidos para captar a conversa em voz baixa. Ouviu as botas de seu irmão batendo no chão, bloqueando a visão de Elizabet de sua cunhada grávida. A porta estava ligeiramente aberta e ela correu para o outro lado, para não ser vista escutando.

Veio morar com o irmão na pequena casa à beira do bosque quando tinha treze anos. No ano seguinte a sua chegada, ele se casou com Lucinda Jones, e passaram a viver três na pequena casa. Não conseguia acreditar que já se passaram quase cinco anos.

Não era culpa dela que seus pais tivessem morrido e que tivesse que atravessar o país para encontrar a única família que lhe restava. *Agora, ao que parecia, não a queriam.*

Seu irmão, Todd, era oito anos mais velho que ela. Ele deixou a Virgínia logo após a guerra entre os estados para se estabelecer no Território de Nebraska. Quando soube do falecimento de seus pais, não hesitou em mandar buscar Elizabet, trazendo-a para morar com ele. Infelizmente, isso foi algo que Todd não mencionou à sua noiva, Lucinda.

Elizabet sabia que Lucinda não gostava de dividir a casa ou a atenção de Todd com mais ninguém. Mesmo que essa outra pessoa fosse uma garota de treze anos sem ter para onde ir. Quando Todd finalmente se casou com Lucinda, algumas semanas depois, a pequena casa de salinas ficou muito cheia.

— Lucinda — alertou Todd Garrett. —, já passamos por isso antes. Elizabet é minha irmã. Para onde mais ela poderia ir?

— Eu não sei. Ela não pode voltar para a Virgínia? Nós vamos ter um bebê. — Elizabet tentou não revirar os olhos com o som nasalado das reclamações da cunhada. — Precisamos do quarto extra.

— Não há casa para onde ir. Tudo foi vendido. Ela não tinha família, muito poucos amigos. Foi por isso que veio para cá. — Ela ouviu seu irmão suspirar. — Dissemos que íamos esperar para ter uma família até que Elizabet fosse mais velha.

— Ela tem quase dezoito anos! Ora, eu me casei contigo quando fiz dezessete anos. Se ela ficar mais tempo, vai se tornar uma solteirona. — Lucinda jogou as mãos para o alto. — E depois? Ninguém vai ficar com ela. Será o responsável por sua irmã pelo resto de seus dias. Não é bonita o suficiente para conseguir um marido sozinha.

— Lucinda, basta. Não vou mais ouvir esse tipo de conversa. Ela é minha irmã e não vou mandá-la embora.

— Ela pode ir trabalhar na casa da Srta. Marcy. Ouvi dizer que está sempre procurando novas ajudantes.

Elizabet ouviu Todd rosnar por trás da porta. Acovardou-se quando as botas pesadas dele bateram no chão, e ela nem estava no quarto.

— Tire essa ideia tola da cabeça. Minha irmã nunca trabalhará lá. — Sua voz soou ameaçadora.

— Todd, eu amo a Elizabet, mas é demais ter mais uma pessoa em nossa casa. Achei que ela já teria se casado ou se mudado para outro lugar.

— Nós vamos pensar em algo. Deixe-me falar com Elizabet primeiro.

Elizabet podia ouvir a exaustão na voz de Lucinda.

— Vou me deitar, Todd. Estou muito cansada.

— Preciso chamar o médico? — A preocupação era evidente na voz de Todd. Elizabet espiou pela fresta da porta e viu Lucinda negar com a cabeça, com os cachos escuros balançando ao redor das orelhas.

— Só preciso descansar. Talvez possa conversar com ela, e Elisabet decida por conta própria o que vai acontecer. Sei que está na hora de que se concentre em sua própria família. Precisaremos do quarto quando o bebê chegar.

Elizabet esperou até ouvir a porta do quarto se fechar antes de sair das sombras e entrar na cozinha. Colocou a cesta sobre a mesa e fez questão de tirar o gorro e o xale.

Todd olhou para ela com olhos tristes.

— Quanto disso ouviu?

— O suficiente — disse ela, pendurando o chapéu e o xale na porta.

— Acho que ela está ficando melancólica à medida que o nascimento se aproxima. Não tem nada a ver contigo.

Elizabet se remexeu, com os dedos torcendo o tecido da saia. — Mas tem. Entendo que queira ter sua própria casa. Isso é natural para uma mulher casada. O que ela disse é verdade. Precisam do quarto extra para o berçário...

— Elizabet, por favor — começou seu irmão.

Elizabet levantou a mão. — Deixe-me terminar. Uma mulher precisa de seu próprio espaço, não de um lugar onde esteja amontoadas com outras pessoas.

Todd franziu os lábios em um meio sorriso. — Está falando de Lucy ou de si própria?

— Talvez das duas. — Elizabet pegou uma caneca e a encheu de café antes de se sentar à mesa. Ela olhou para o irmão. — Depois que papai morreu, eu não sabia para onde iria. Meu destino era a casa dos pobres depois de pagar suas dívidas. A única coisa que me restava era a casa da cidade, e até isso o

banco a tomou. Tinha certeza de que seria enviada para as fábricas. — Todd se juntou a ela na pequena mesa. — Sou muito grata por ter permitido que eu viesse para cá e morasse aqui. Mas Lucinda tem razão, preciso encontrar meu próprio lugar.

— Não quero que pense que a estamos empurrando para fora — disse Todd suavemente. — O que está pensando? Não há muita coisa por aqui.

Elizabet encolheu os ombros. Isso era verdade. Flat River era uma cidade muito pequena, composta por alguns ranchos, vários negócios na cidade e um grande Saloon com um bordel no andar de cima. A maioria dos homens eram cowboys que trabalhavam duro. Os homens de negócios da cidade eram bem mais velhos e já casados. Elizabet estremeceu. Trabalhar na casa da Srta. Marcy seria seu último recurso.

— Não sei. Talvez eu encontre um cowboy para me casar. — Todd levantou a sobancelha e olhou para ela. Como ele próprio era um cowboy, fez questão de que Elizabet não passasse muito tempo perto deles quando chegou a Flat River. Ela baixou o queixo e olhou para o irmão através de cílios grossos. — Talvez eu devesse ser uma noiva por correspondência. Funcionou para você.

— Uma quê? — A voz de Todd se elevou.

— Shhh — advertiu Elizabet. — Lucy está descansando. — Ela tomou um gole de seu café antes de colocar a caneca sobre a mesa. — Não é incomum que uma mulher responda a um anúncio de um homem que procura uma esposa. Sabia que existem até jornais inteiros dedicados a esse tipo de coisa?

— Mas um estranho, Elizabet? — Todd passou a mão pelo rosto. Era um homem muito bonito, parecido com o pai deles. Elizabet lembrava sua mãe, com seus cabelos loiros avermelhados e olhos verdes. — Não gosto da ideia de que se mude para algum lugar para se casar com um estranho.

— Então o que sugere?

— Não sei. Talvez pudéssemos falar com a Marmee?

— Marmee? Essa é uma ideia esplêndida.

Weston Chapman era dono de um dos maiores ranchos de Flat River. Sua esposa, Ingrid, insistia para que todos a chamassem de Marmee, e era vista como uma mãe substituta para muitos dos homens que trabalhavam em seu rancho.

— Marmee sabe tudo sobre essas coisas. Saberá o que fazer.

— O que está sugerindo? Que ela me encontre um marido?

— Talvez valha a pena lhe fazer uma visita. Talvez queira fazer uma lista do que está procurando em alguém e ela consiga encontrar a pessoa certa.

— Acha que ela pode encontrar alguém aqui na cidade?

— Não sei. Mas pode ajudar a escrever um anúncio.

— O que há de errado com um cowboy, Todd? Também é um cowboy.

Todd baixou a mão para o rosto. — Quer um homem forte, com bons valores, Lizzy. Tenho convivido com esses cowboys há muito tempo. Se houver um vaqueiro que tenha o que precisa, a Marmee conhecerá alguém.

— Tenho certeza de que um anúncio custa dinheiro.

— Vamos falar com ela primeiro. Tenho algumas moedas guardadas, se precisar delas. Podemos ir vê-la pela manhã.

Elizabet terminou seu café. — Vou deixar tudo limpo. Vá ver como está a Lucy.

Todd empurrou a cadeira para longe da mesa. — Sabe que ela a ama, não sabe? — Elizabet assentiu, emocionada demais para falar. Ele se inclinou e deu-lhe um beijo no topo da cabeça. — Eu também a amo, querida irmã.

Elizabet ficou olhando para as mãos que envolviam a caneca esmaltada enquanto ouvia os passos de Todd atravessarem o piso duro e desaparecerem no quarto. Suspirando, se levantou e foi até a pia seca. Uma grande cuba esmaltada em cima de um armário de madeira, que Todd havia projetado especialmente para Lucy. Não havia uma torneira, então a água ainda precisava ser trazida de fora e aquecida no fogão. No entanto, o fundo da tigela tinha um ralo que levava a água suja da louça para longe.

Elizabet achou o arranjo engenhoso e preferia lavar a louça na grande bacia em vez de usar dois baldes, como fazia quando morava na Virgínia. Lavou a louça do jantar e depois esfregou o caldeirão antes de colocá-lo de volta no fogão para secar.

Lembrou-se do que Todd havia dito. Faça uma lista de tudo o que gostaria de ter em um marido.

Havia algumas características que ela tinha certeza de que qualquer mulher desejaria. Alguém bonito e autossuficiente. Ele seria gentil tanto com crianças quanto com animais. Seria forte e protetor. Esperava que ele tivesse uma pia seca em sua casa. E espaço suficiente para que, se alguém precisasse ficar, pudesse pelo tempo que quisesse, sem causar perturbações.

Teria que anotar essas informações em seu diário, para que se lembrasse delas quando fossem ver Marmee pela manhã.

Pegando o pano úmido, limpou a mesa e preparou o bule para que tudo o que tivesse que fazer fosse adicionar água pela manhã. Olhando ao redor do cômodo, não viu mais nada que precisasse fazer, então apagou a lâmpada da mesa e atravessou a escuridão até seu pequeno quarto.

O brilho de uma lâmpada na mesa de canto encheu o cômodo. Seu baú estava aos pés de uma pequena cama coberta com uma colcha gasta. Olhando para o colchão liso, Elizabet sentiu falta da cama que tinha quando era criança, com seus travesseiros de plumas e edredom macio. Agora, estava dormindo sobre palha enrolada em um lençol de algodão.

Enrugando o nariz, se despiu e pendurou as roupas em um cabide ao lado da porta. Não havia espaço suficiente para um guarda-roupa no pequeno quarto, então Elizabet guardava suas roupas no baú. Revirando a caixa, tirou a camisola e a ergueu acima da cabeça, descendo-a até os tornozelos. Depois de fazer suas orações, apagou a luz e se enfiou debaixo das cobertas. As palavras de Todd preencheram os pensamentos de Elizabet enquanto puxava um cobertor grosso até o queixo.

Marmee saberá o que fazer.

Ela só esperava que seu irmão estivesse certo.

CAPÍTULO DOIS



— Ainda não consigo acreditar que fez isso, Marmee — resmungou Peter Arkin, movendo-se no banco para ficar em um lugar mais confortável. Ele olhou para o relógio de bolso. A diligência de Grand Platte deveria chegar em breve. Não demoraria muito para que ele visse a poeira levantando no ar. — Era de se esperar que já houvesse um trem vindo para Flat River. Não estamos vivendo na Idade Média.

— O progresso é lento, Sr. Arkin — disse Ingrid Chapman, conhecida como Marmee por todos em Flat River, com seus cachos prateados balançando sob o chapéu.

— E está passando direto por esta pequena cidade podre — murmurou ele sem fôlego.

Ele se remexeu no banco de madeira dura mais uma vez. O coto que antes era sua perna pendia frouxo ao lado e suas muletas estavam apoiadas na parede do mercado. Estremeceu, pois a dor fantasma nunca desaparecia. Já deveria estar acostumado com ela, afinal, havia se passado pouco mais de um ano desde o acidente que lhe tirou a perna. Ele estava ficando sem dinheiro e sem opções.

Ainda se lembrava do momento em que perdera o equilíbrio e sua perna ficara presa sob a lâmina afiada do arado. Sua vida mudara para sempre naquele momento. Não importava quantas vezes ouvisse falar da sorte que teve - o arado cortou completamente a perna abaixo do joelho com precisão cirúrgica. Não importava quantas vezes ouvisse histórias de outras pessoas cujas pernas estavam tão mutiladas que perderam a esperança e morreram, Peter Arkin sobreviveu.

Não se sentiu afortunado.

Lembrava-se de ter pressionado a perna contra o aço frio do arado para interromper o fluxo de sangue até desmaiar na terra. Não sabia quanto tempo ficara no campo até acordar na parte de trás de uma carroça com o médico cauterizando sua perna. O cheiro de carne queimada ainda enchia suas narinas e ele sabia que nunca mais o deixaria.

Mas naquele dia fatídico, Peter perdera mais do que a perna. Perdera sua confiança. Seu senso de propósito. *Sua fé.*

Recusou-se a sair de casa até ouvir um barulho no quintal. Ao olhar para fora das cortinas, não podia acreditar no que estava vendo. Devia haver pelo menos uma dúzia de homens no campo.

Peter mancou até a beira da varanda. A visão era quase insuportável.

Deveria ser ele no campo, não seus vizinhos.

Quatro homens com grandes berços de grãos se moviam lentamente, balançando suas lâminas para frente e para trás. Quando os berços estavam cheios, dois homens pararam atrás deles e amarraram a palha em grandes feixes, antes de jogá-los no campo para secar.

Weston Chapman havia organizado os vizinhos para ajudar na colheita do trigo. Com o número de homens trabalhando, todos os dez acres foram colhidos antes do pôr do sol. As mulheres pararam para alimentar os homens e ver como Peter estava.

Eles se banqueteavam com sanduíches grossos de presunto, maçãs frescas das árvores que cresciam perto do rio, biscoitos caseiros e potes de conserva cheios de leite ou limonada doce. As sobras eram embrulhadas e deixadas na cozinha de Peter, para que ele não precisasse se preocupar com as refeições.

Odiava aceitar caridade, mas esse era o tipo de pessoa que vivia em Flat River. Eles cuidavam uns dos outros. Quando a tarefa foi concluída, foi Weston Chapman quem procurou Peter para comprar toda a sua colheita de trigo. Weston até pagou um valor extra para permitir que seu gado longhorn pastasse nas terras de Peter e se alimentasse do trigo de inverno durante os meses mais frios.

Peter ficou impressionado com o gesto, porque isso significava que não precisaria encontrar alguém para levar o trigo ao mercado e vendê-lo. Os fundos extras permitiram que se concentrasse em sua produção e em atravessar o inverno. Weston voltou na primavera, mas Peter não tinha certeza se queria cultivar trigo novamente.

Mas Weston não queria que nada lhe fosse negado. Deu uma olhada nas garrafas vazias espalhadas pela pequena casa e enviou a única pessoa que poderia colocar Peter de volta em forma para enfrentar o mundo.

Marmee.

Ninguém jamais foi contra Marmee.

Ninguém.

Ela o deixou sóbrio em dois meses e agora havia uma mulher a caminho de Flat River para se casar com ele.

Peter se inclinou e esfregou o coto da perna, o tecido áspero raspando na cicatriz. Fazendo uma careta, se perguntou se não teria sido melhor usar a engenhoca de madeira que o doutor havia preparado para ele. Ao esfregar, as pontas dos dedos roçaram na crista onde a perna de madeira normalmente se apoiava.

O doutor sugeriu acolchoar a área com pedaços grossos de tecido de algodão antes de colocar a perna, mas tudo o que fez foi fornecer algo para absorver a transpiração entre o dispositivo e sua carne. Durante o calor sufocante do verão, sua perna suava contra a madeira, esfregando a pele com uma dor tão intensa que Peter via estrelas atrás das pálpebras quando seus dedos tocavam a pele dolorida.

Peter não queria correr o risco de contrair uma infecção, por isso preferia

usar suas muletas. *Além disso*, seria interessante ver a cara de sua nova noiva quando ela visse como seu futuro marido realmente era.

Um aleijado.

— Desculpe-me? — disse Marmee, interrompendo sua festa de piedade. — Cidade pequena?

— Desculpe, Marmee — disse Peter, envergonhado. Sentiu a mão de Marmee em seu ombro, dando um tapinha gentil, e olhou para a mulher mais velha. Ela e o marido vieram para a região em uma caravana quando a cidade tinha apenas uma dúzia de pessoas. Eles ficaram, juntamente com várias outras carroças, e a cidade dobrara de tamanho naquele mesmo dia. Desde então, crescera para quase cem pessoas. Peter tinha certeza de que quase metade delas eram vaqueiros e a outra metade era empregada do bordel da cidade.

— Sei que é difícil, Peter. — Havia algo na voz dela que era reconfortante. Era quase como uma canção de ninar. Ele fechou os olhos e escutou. — Flat River é pequena, mas é isso que a torna especial. É como uma grande família — Ela deu um tapinha em seu ombro. — E como uma família, nós cuidamos uns dos outros. Não deveria estar sozinho naquela fazenda. É bom que finalmente tenha decidido chamar uma ajudante.

Ajudante. Ajuda.

Desamparado.

Ele bufou e se empurrou contra a parede, como se esse ato o tornasse mais alto. Como não era de pedir ajuda, parecia que não tinha muita escolha agora. Ele precisaria de ajuda para passar o inverno. Depois do acidente, os habitantes da cidade se reuniram em torno dele por um tempo, mas tinham suas próprias casas e fazendas para administrar. Os invernos podiam ser rigorosos, e Peter se sentia solitário. Queria uma esposa e filhos, mas isso foi antes. Agora não sabia o que o casamento implicaria, já que era metade do homem que costumava ser.

Marmee sugeriu que talvez devesse encontrar uma companheira de trabalho. Uma mulher para ajudar na fazenda, mas as mulheres eram escassas em Flat River, exceto na casa da Srta. Marcy. Ele não queria encontrar uma mulher entre as pombas sujas. Sabia que vários cowboys encontravam mulheres lá, mas ele queria um tipo diferente de mulher.

Uma mulher honrada.

Uma mulher piedosa.

Marmee se encarregou de encontrar alguém, e agora essa mulher estava a caminho de Flat River para se casar com ele. Leu a maior parte da correspondência, mas foi Marmee quem fez o casamento.

— Como vou reconhecê-la? — perguntou ele.

— Ela disse que usaria um vestido amarelo.

— Amarelo. — Peter girou a palavra em sua língua. — E o nome dela é Madeline? — Marmee assentiu. Parecia um nome muito formal. Madeline em um vestido amarelo. Ele voltou sua atenção para a estrada para ver se

conseguia ver a diligência se aproximando, seus dedos continuando em um padrão circular ao longo de seu coto. — Talvez seja melhor ficar sozinho — murmurou, sem fôlego.

— Bobagem, Peter — disse Marmee, dando um tapinha em seu braço. — O bom Deus não queria que o homem ficasse sozinho. É por isso que Ele criou uma companheira para Adão.

Seus olhos examinaram o horizonte, semicerrando-os, enquanto desejava que algo... qualquer coisa, aparecesse. Finalmente, pôde ver uma nuvem de poeira à distância, de onde os cascos chutavam a terra ao longo da trilha.

— Acho que podem ser eles! — Podia sentir a tensão enchendo seu peito. Ele se virou para Marmee, que estava acenando para uma jovem que caminhava em direção à loja. Peter se lembrava de tê-la visto na cidade uma ou duas vezes, mas não sabia o seu nome.

Ela subiu na plataforma e ficou ao lado de Marmee. — Boa tarde, Marmee — disse ela, acenando para Peter em sinal de saudação também. — Está uma tarde linda.

— É mesmo, Elizabet — concordou Marmee. — Como está sua cunhada?

Peter não pôde deixar de notar a tristeza que apareceu nas feições da jovem. Era bem jovem, não podia ter mais de dezesseis anos. Seu rosto estava limpo, e Peter notou que tinha sardas no nariz. Fios de cabelo amarelo escaparam de seu coque e os afastou com uma mão enluvada, mas ele notou a lágrima que ela também enxugou. A ideia de que algo pudesse ferir essa jovem o incomodava, embora não soubesse explicar o motivo. Ele não tinha nada a ver com ela.

— Ela está apenas exausta. Sei que ficará feliz quando o bebê chegar.

— Os bebês são uma bênção, de fato.

— De fato — disse suavemente a mulher chamada Elizabet. — Marmee, meu irmão sugeriu que eu falasse com a senhora. Gostaria de saber se posso tomar um pouco do seu tempo?

O som de um trovão encheu o ar. Pelo canto do olho, Peter viu a nuvem de poeira se levantar do chão seco quando a carruagem se aproximou da cidade, mas seu ouvido ainda captava partes da conversa ao redor.

— É claro, criança — disse Marmee. — Tenho alguns assuntos a tratar e, depois, que tal voltar para casa comigo e tomarmos um chá?

O restante das palavras foi abafado pelos cascos dos cavalos e pelas rodas de madeira quando o cocheiro parou ao lado da loja. Outro homem se sentava ao lado dele, com uma espingarda de dois canos em um braço se segurando na lateral do banco com a mão.

— Uhooou! — O condutor puxou as rédeas, diminuindo a velocidade da diligência em frente ao mercado. Ele acionou o freio e se virou para a frente da loja. — Oi, Rose! — chamou, pegando uma caixa do assento ao lado dele antes de se inclinar sobre a lateral do banco de madeira. — Tenho uma caixa para entregar-lhe. Veio da cidade de Nova York.

Peter se virou para ver Rose Arden, que administrava a loja com seu

marido, Dillon, passar por ele.

— Devem ser minhas amostras de tecido — disse ela, pegando a caixa e colocando-a debaixo de um braço. — Vieram da França. Espero expandir os tecidos que oferecemos em breve.

O cocheiro bufou enquanto se mexia no assento. — Acho que não há mulheres suficientes na cidade para justificar a vinda de tecidos da França. — Ele se inclinou sobre o encosto do banco e pegou uma mochila, jogando-a no chão. — Não há muita correspondência desta vez.

— Meu remédio chegou de Denver? — perguntou o doutor, dando a volta pela parte de trás da diligência.

— Chegou. — O cocheiro entregou-lhe uma caixa e ele a olhou antes de voltar para o escritório.

Rose entregou ao condutor uma pilha de cartas. — Isso é tudo o que temos para hoje. Tem tempo para uma xícara de café?

O condutor balançou a cabeça. — Desta vez, não. Tenho que chegar a Maxwell em dois dias. Parece que vou conduzir a noite toda.

— Pelo menos reabasteça seu café e eu colocarei sanduíches em um guardanapo para que leve. E quanto ao senhor? — Ela apontou sua caixa para o homem no banco.

— Só café, senhora — disse ele, inclinando o chapéu.

O cocheiro entregou a Rose duas jarras com manchas de café em seu interior. — Muito obrigado, Rose.

Peter se mexeu no assento. Ele sabia que essa era a mesma rotina, mas sua impaciência estava levando a melhor.

— Tem algum passageiro hoje? — Peter rosnou.

O condutor pulou do assento para o chão, aterrissando com um baque. — Só uma. Deixe-me tirá-la de lá e depois eu sigo meu caminho.

Peter prendeu a respiração quando o condutor deu um passo para baixo da porta e abriu o trinco. Um grande grupo de penas amarelas apareceu na porta.

Seria um pássaro?

As penas balançavam de um lado para o outro, e a forma de uma mulher surgiu do interior escuro.

Uma mão enluvada levantou uma saia amarela enfeitada com rendas e Peter viu um tornozelo fino envolto em couro chegar até o degrau. Ela entregou sua bolsa ao cocheiro e segurou a porta enquanto pisava no chão duro. Ela levantou a cabeça, e as penas balançaram de um lado para o outro.

Essa era a coisa mais ridícula que Peter já tinha visto.

Havia penas suficientes em seu chapéu para tirar o pó de todo o mercado! Ela lembrava a Peter um canário que sua mãe mantinha em uma gaiola perto da janela. Seus movimentos também eram rápidos como os de um pássaro, enquanto se movia para a parte de trás da diligência, perto da plataforma, onde Peter estava sentado.

Olhou para Marmee, que sorriu para ele, dando-lhe um aceno de cabeça encorajador. A mulher enrugou o nariz enquanto olhava a cidade.

— É muito menor do que eu imaginava — disse ela, abrindo uma sombrinha e levantando-a sobre as penas. — E empoeirada. Não acredito na poeira da viagem. — Ela sacudiu a saia com a mão livre. — Vou sentir o gosto de poeira por vários dias. Como alguém pode viver em uma cidade tão pequena?

— Ela é grande o suficiente para as pessoas que vivem aqui — respondeu Marmee. — Temos tudo o que uma cidade pequena precisa. Uma loja, um médico, uma igreja. Bem-vinda a Flat River. Deve ser Madeline — A mulher viu Marmee e avançou. As penas saltaram para fora do caminho e Peter pôde ver que a mulher tinha cabelos escuros que apareciam por baixo da touca estranha. Ela era bastante bonita, com grandes olhos escuros, um nariz empinado e lábios que eram pressionados em uma linha fina. Peter não conseguia nem ver a cor de seus lábios, pois sua boca estava muito apertada.

— Eu deveria me encontrar com meu pretendente aqui — disse ela, exalando ruidosamente. Olhou em volta para os homens que se afastavam da plataforma. — Ele está aqui? — Ela olhou para Marmee com esperança. — Estou ansiosa para tomar um banho.

Peter respirou fundo e pegou suas muletas, colocando-as à sua frente. Com um grunhido, se levantou e colocou os suportes de madeira embaixo do braço. Ele deveria ter usado a perna de pau boba e ter lidado com as feridas de fricção. Segurando as muletas no lugar, moveu sua perna boa para a frente e, em seguida, balançou as muletas em direção à borda da varanda. Foram necessários três passos para que estivesse de pé na borda da plataforma. Ele se apoiou no poste do canto e limpou a garganta.

— Senhorita Cooper? — A mulher se virou, as penas balançando em uníssono sob a sombrinha. O olhar dela passou para a perna que faltava e voltou para o rosto dele. Seus ombros se enrijeceram e ela levantou o queixo, olhando para ele com o nariz empinado. Seus lábios se moveram, mas nenhum som foi emitido. Peter chamou seu nome mais uma vez.

Os olhos da mulher se voltaram para os dele antes de olhar para Marmee, como se buscasse uma confirmação. Finalmente, se voltou para ele. — O senhor é o Sr. Arkin?

Peter se encostou no poste e coçou o queixo, a barba fazendo cócegas em seus dedos. Talvez ele devesse ter se barbeado? Acenando com a cabeça, sorriu para ela. — Sim, senhora.

Madeline Cooper parecia que ia vomitar. Ela colocou a parte de trás de seu punho contra a boca e estufou as bochechas. Após várias respirações profundas, abaixou a mão e enrolou o lábio.

— Não pode ser o Sr. Arkin — rosnou. — Porque... porque... olhe para o senhor. É aleijado.

Peter cambaleou para trás como se ela o tivesse agredido fisicamente. Ele ouviu um suspiro atrás de si e olhou para a plataforma, com as bochechas coradas pelo constrangimento. A jovem estava parada perto da porta. Seus lábios se contraíram de raiva, mas seus olhos tinham pena enquanto o

observava tentando se endireitar com as muletas. Ele não tinha tempo para lidar com a repulsa dela também.

Ele encolheu os ombros como se estivesse se protegendo dos golpes verbais que sabia que estavam por vir e se voltou para a senhorita. — Sim, senhora. Sou sim.

Ela balançou a cabeça, fazendo várias penas flutuarem para o chão. — Não me casarei com um aleijado de jeito nenhum. — O veneno de suas palavras lhe deu um tapa no rosto. — Deveria ter dito isso em sua carta. Nunca teria perdido meu tempo vindo aqui.

— Srta. Cooper — disse Marmee —, eu mencionei...

— Marmee — advertiu Peter. — Deixe para lá. — Não era a primeira vez que alguém falava sobre ele, e tinha certeza de que não seria a última. As palavras doíam, mas dessa vez não o incomodaram tanto quanto deveriam. Era melhor conhecer seus verdadeiros sentimentos antes de se casar com ela.

Encolhendo os ombros, ele se endireitou em suas muletas. — Sinto muito por ter perdido seu tempo, Srta. Cooper.

A mulher correu para a porta da diligência. — Não se preocupe em retirar meu baú — disse ela ao cocheiro. — Irei para a próxima cidade. — Peter a viu entrar na carruagem, batendo a porta atrás de si. Ela olhou para o pequeno grupo que estava na plataforma e baixou a cortina da janela.

Peter baixou o queixo. Por que deixara que Marmee o convencesse a fazer isso de novo? Ele levantou os ombros e balançou a cabeça, desejando que o ardor no fundo da garganta desaparecesse.

— Obrigado por tentar, Marmee — murmurou ele. — Sei que fez o melhor que pôde. Preciso ir para casa.

O que ele estava esperando? Seus olhos se voltaram para o coto do que havia sido sua perna. Ninguém iria querer um aleijado, como ela havia dito. Ele se apoiou em sua muleta e mancou em direção ao lado mais distante da plataforma, onde sua carroça o aguardava.

— Peter, não desista — implorou Marmee. — Eu sei...

— Com licença — A jovem que vira antes se aproximou deles —, aquela mulher veio aqui para se casar com o senhor?

Peter fez uma pausa. Olhou para a mulher mais jovem, que o estava observando atentamente. Não era tão jovem quanto Peter imaginava. O cabelo dela, que achava que era amarelo, era da cor de campos de trigo com um toque de canela. Grandes olhos verdes apareciam por trás de cílios escuros, com círculos rosados pontilhando suas bochechas. Ela o lembrava de uma boneca de porcelana.

— Seus pais não lhe ensinaram boas maneiras?

— Meus pais já morreram. Eu moro com meu irmão e a esposa dele.

Peter sentiu-se instantaneamente envergonhado. Não havia motivo para ser grosseiro com essa jovem só porque alguém fora grosseiro com ele.

— Minhas desculpas, senhorita — disse ele. Parecia que o dia de hoje estava cheio de pedidos de desculpas.

— Ela não vai se casar com o senhor?

Marmee avançou rapidamente. — Está tudo bem, Elizabet. Significa apenas que não era a pessoa certa. — Ela acenou com a mão no ar como se estivesse descartando a ideia.

— Peter, por que não passa lá em casa e pelo menos janta antes de ir para casa? Sei que Weston adoraria ter a oportunidade de conversar um pouco.

A jovem chamada Elizabet colocou os dedos em volta do braço de Marmee. — Marmee, eu esperava que pudesse me ajudar com algo — disse, olhando mais uma vez para Peter.

— Acho que agora não é uma boa hora — disse Marmee. — Por que não passa aqui esta semana e podemos conversar sobre o que precisar?

Peter viu os dedos dela se apertarem ao redor da mão de Marmee enquanto olhava diretamente para ele. Sua boca se abriu quando as últimas palavras que ele esperava ouvir da jovem saíram dos seus lábios.

— Preciso de um marido.

CAPÍTULO TRÊS



Elizabet deu uma última olhada ao redor do quarto antes de fechar sua pequena bolsa. Ela não tinha muito para arrumar, apenas um vestido de dia extra, suas botas e alguns itens pessoais. Todo o resto Lucinda insistiu que ela deixasse. Afinal, os vestidos eram herdados e ela precisaria deles assim que o bebê nascesse, mais do que Elizabet precisaria em uma fazenda empoeirada.

Pelo menos foi o que Lucinda disse.

Todd e Lucinda se recusaram a participar do casamento. Quando Elizabet voltou para casa depois de falar com Marmee, eles estavam cautelosamente felizes. Quando mencionou que Marmee conhecia alguém que precisava de uma esposa, ficaram satisfeitos. Assim que Elizabet mencionou o nome de seu futuro marido e que se casariam no dia seguinte, achou que Todd ia pegar sua espingarda e ir até a fazenda Chapman confrontar Marmee.

Lucinda conseguiu acalmá-lo, mas passou o resto da noite em seu quarto soluçando baixinho. Até chegar a hora de Elizabet fazer as malas. Então, Lucinda examinou cada item no quarto que poderia sair de sua casa.

Elizabet não entendia. Ela não fez o que eles queriam? Não valia a pena brigar por isso. Jurou nunca ter um casamento baseado em conflitos. Não valia a pena. Tanto Todd quanto Lucinda pareciam miseráveis o tempo todo.

Soltando um suspiro baixo, pegou sua bolsa e caminhou até a cozinha.

— Não posso acreditar que está indo embora. — Todd sentou-se à mesa da cozinha emburrado, com as mãos envolvidas na xícara de café. Ele não levantaria os olhos para encontrá-la. — E para se casar com Peter Arkin?

Elizabet largou sua bolsa ao lado da porta e se aproximou da mesa. — Onde está a Lucy?

Todd não moveu a cabeça. — Ela foi se deitar.

— Claro que foi. — Ela estava cansada de lidar com as teatralidades de Lucinda e agora não havia mais motivo para participar delas.

— O que quer dizer com isso? Ela está mal. — Ele lhe lançou um olhar venenoso.

Elizabet olhou para a porta que levava ao quarto de seu irmão, notando que estava entreaberta. Normalmente, Lucinda a mantinha fechada para minimizar seu contato com Elizabet, mas sua cunhada devia querer ouvir o que estava sendo dito.

— Se está tão mal, se pensaria que ela gostaria que alguém a ajudasse. — Atravessou a sala e fechou a porta, puxando um pouco mais forte do que o necessário. — Ela deixou claro que mal podia esperar para me tirar de casa.

Estou surpresa que não esteja aqui fora se vangloriando.

— Eliza...

— Tudo o que ouvi nos últimos cinco anos foi quando eu sairia. Tinha treze anos. Treze, Todd. — Ela bateu com o punho na mesa. — E era minha única família. Tinha acabado de chegar, e ela queria saber quando eu iria embora. Queria se livrar de mim desde o momento em que me viu. Nunca a impedi de se casar contigo. Nunca disse nada de mal sobre ela. Nem uma vez.

— Lizzy. Tem que entender...

— Eu não preciso entender nada. — Ela se aproximou da porta e olhou para fora. — O Sr. Arkin estará aqui em breve.

— Sr. Arkin. — Todd cuspiu o nome como se fosse veneno em sua língua. — O que a fez escolhê-lo, eu não sei. A maioria das mulheres tem a opção de escolher com quem se casar. Veja o caso de Lucy. Poderia ter se casado com qualquer um. Tinha obrigações, mas ela esperou. Eu fui... — Ele engoliu, com um grande nó na garganta.

— Afortunado? — disse ela, levantando uma sobrancelha. — Bem, espero que ela consiga lidar com isso.

— O que quer dizer?

— Ela terá um bebê para cuidar, enquanto cuida de tudo na casa. O único momento em que ela trabalha é quando você está em casa.

— Lucinda se sairá muito bem, tenho certeza. — Elizabet bufou com esse comentário, enquanto seu irmão a olhava com ainda mais força. — Pelo menos ela não cuidará de um aleijado. Como esse fazendeiro falido vai sustentá-la?

— O Sr. Arkin é um homem honrado.

— Como ele será capaz de cuidá-la?

Elizabet deu de ombros.

— Presumo que como qualquer outro homem faria.

— Como ele conseguirá viver com apenas uma perna? E quanto aos filhos? Ele pode lhe dar algum?

— Todd! — Elizabet afinou os lábios com tanta força que eles doeram. Onde estava seu irmão gentil? Ele nunca desprezara ninguém antes. Elizabet não disse mais nada. Queria defender o homem que seria seu marido, mas sabia que, não importava o que dissesse, Todd encontraria algo para rebater. Era melhor deixar para lá.

— Vou me sair muito bem, Sr. Garrett. — Sua voz forte encheu a pequena sala.

Elizabet se virou tão rapidamente que suas pernas ficaram presas no tecido da saia. Ela tropeçou e se segurou em uma das cadeiras ao lado da mesa. Seus dedos se enroscaram na grade superior quando viu Peter Arkin preenchendo toda a moldura da porta.

Oh, Céus! Era mais alto do que ela imaginava. Sua cabeça roçava o topo da porta, que Elizabet sabia ter um metro e oitenta e três centímetros para acomodar o homem que morava ali antes de Todd comprar a casa. Ela não

conseguia ver as feições do Sr. Arkin, pois o sol lançava uma sombra sobre sua estrutura, mas podia ver que sua mandíbula estava firme enquanto levantava a mão para coçar a bochecha. De repente, se deu conta.

Há quanto tempo estava ali? O quanto havia escutado? A vergonha inundou suas bochechas. O que ele devia pensar sobre sua família. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Todd se afastou rapidamente da mesa, derrubando sua xícara de café. Elizabet instintivamente pegou um pano para limpar o líquido quente, mas se conteve.

Por que deveria? Aquela não era mais sua casa.

— Arkin — disse Todd.

— O senhor veio. — Sua voz saiu como um sussurro ofegante. Não tinha dúvidas de que ele viria, mas vê-lo ali fez com que todos os seus medos se dissipassem. Ela ia ter sua própria casa.

— Eu disse que viria. — Sua voz a envolveu como mel quente no verão. Ele se afastou de volta para a luz do sol do lado de fora da porta. — Esta é a sua bolsa? — perguntou, apontando para o volume no chão. Elizabet assentiu. Ele a pegou e virou nos calcanhares. — Pegue seu xale e vamos embora.

Elizabet pegou seu xale de um gancho e o colocou sobre o braço. Ela saiu sob o sol com Todd logo atrás. Era cedo o suficiente para que o ar quente não se transformasse na umidade pela qual Nebraska era conhecida.

O Sr. Arkin parou e colocou a bolsa na parte de trás da carroça. Ele a vasculhou por um momento e se virou, sorrindo para Elizabet com um sorriso que transformou suas entranhas em gelatina. Em sua mão ele segurava um buquê de margaridas silvestres, os caules ainda úmidos. Ele estendeu-os em direção a ela, gotas d'água rolavam por seus dedos.

— Achei que toda noiva deveria ter um buquê.

Elizabet ficou corada. — Obrigada. — Ninguém nunca havia lhe dado flores. Ela nem se lembrava de Todd ter trazido flores para Lucinda. Levou o buquê até o rosto e inalou profundamente, o pólen fazendo cócegas em seu nariz. — São lindas.

Ela olhou de volta para o homem com quem iria se casar. Achou-o muito bonito em um terno escuro com o cabelo penteado para trás. Ele tinha cabelos castanhos e olhos da mesma cor. Sua pele era pálida, provavelmente porque não tinha saído muito de casa desde que perdera a perna. Mas era bonito. *Oh, tão bonito!*

— Deixe-me ajudá-la a entrar na carroça — ele ofereceu gentilmente, estendendo a mão.

Ao se aproximar, ela notou que um grande pé de madeira se projetava por baixo da sua calça escura. Seus olhos voaram para encontrar os dele.

— Onde estão suas muletas? — perguntou ela, percebendo que ele não as estava usando.

— Achei que hoje era importante o suficiente para que eu precisasse usar isso — ele bateu com o pé de madeira no chão.

— Por que não usou ontem? — ela sussurrou.

Ele sorriu para ela, revelando dentes brancos e fortes.

— Às vezes dói. Minha perna estava dolorida ontem.

Elizabet se aproximou da carroça, tomando cuidado para não pisar no apêndice de madeira. — Está doendo hoje?

— Como o diabo. Mas não é todo dia que um homem se casa. — Ele se aproximou e pegou a mão dela para ajudá-la a entrar na carroça. O calor envolveu seus dedos e se espalhou por seu braço como vaga-lumes. Elizabet tentou se mover, mas seus pés não se mexiam.

— Veja só — disse Todd, empurrando Elizabet para o lado.

O calor desapareceu em um instante, e ela tropeçou no chão, com as flores espalhadas ao seu redor.

— Oh! — gritou quando sua mão raspou na terra dura. — Minhas flores. — Ela tirou as pequenas pedras de sua mão, seus dedos traçando os sulcos que deixaram em sua palma.

— Elizabet, desculpe-me — disse Todd, ajoelhando-se ao lado dela, esmagando várias flores ao tentar ajudá-la a se levantar. Elizabet saiu de seu alcance, estremecendo com a ternura em sua mão.

— Eu consigo me levantar sozinha, obrigada — zombou ela. Afastou-se, murmurando baixinho sobre a sujeira acumulada em seu vestido limpo. O Sr. Arkin não merecia uma noiva com um vestido de noiva sujo. O céu escureceu, e Elizabet olhou para cima e viu uma sombra pairando sobre ela.

— Deixe-me ajudá-la. — A voz dele era suave, mas ela podia ouvir a corrente de raiva em seu tom.

Estendeu a mão para cima e o calor voltou. O Sr. Arkin deu um passo para trás e ela se viu voando para o abraço dele. A perna dele se enrijeceu para segurá-la enquanto ela se pressionava contra ele. Suas mãos agarraram sua camisa e ela olhou em seus olhos escuros, com um pequeno suspiro saindo de seu corpo quando sentiu os músculos dele se contraírem sob a camisa de cambraia. A luz do sol, a lixívia e o leve aroma de cedro a invadiram enquanto inalava. Os olhos dele se suavizaram quando ele a olhou, com a mandíbula ainda firme.

Elizabet se perguntou se ele estava tão nervoso quanto ela por se casar com um estranho. — O-obrigada. — Estava começando a se sentir quente por inteiro.

Ficar em seu abraço poderia ser muito perigoso.

Ela queria afastar o cabelo escuro que cobria sua testa.

Mas se conteve.

Ela se perguntou se poderia enrolar em seu dedo o cacho que estava atrás de sua orelha.

Mas sua mão permaneceu imóvel.

Queria descobrir se os lábios dele eram tão macios quanto pareciam.

Mas não se inclinou para frente.

Seus olhos se voltaram para os dele, grata por ele não conseguir ler seus pensamentos.

— Eu nunca a deixarei cair — disse ele, suavemente, movendo a cabeça na direção dela. Suas narinas se dilataram quando seu braço rapidamente envolveu sua cintura para evitar que caísse. Ele a abaixou gentilmente até o chão e sua boca se afinou, tornando seus lábios quase invisíveis. Elizabet se perguntou se havia feito algo que o tivesse irritado. — Onde está o resto da sua bagagem? — perguntou ele, afastando-se dela.

Elizabet percebeu a queda de temperatura imediatamente. Como um simples toque poderia acendê-la como uma fogueira no final da colheita? Precisaria ter cuidado com o Sr. Arkin. Como ela gostaria de ter alguém com quem conversar sobre as questões entre homens e mulheres.

Lucinda mencionou brevemente sobre a noite de núpcias. Que Elizabet deveria simplesmente cumprir seu dever de esposa e ficar o mais quieta possível. Então, tudo acabaria sem muito desconforto. Ela notou que Lucinda e Todd nunca se tocavam. *Será que era assim que os casais normais se comportavam?*

Ela ainda não era casada e queria tocar o Sr. Arkin mais uma vez. Sentir o aço de seus braços escondido sob o tecido. Envolver sua mão na mão grande dele só para sentir o calor. Não haveria necessidade de lenha no inverno se ela estivesse tão aquecida apenas com um simples toque.

— Sua bagagem, Srta. Garrett?

Ao perceber que o Sr. Arkin estava falando com ela, Elizabet sacudiu as teias de aranha da cabeça. — Não tenho mais nada. Só essa mala.

Seu belo rosto se contorceu em uma carranca. — É só isso?

As bochechas de Elizabet ficaram coradas de vergonha.

— Eu não precisava de muito. E não tenho nenhum item doméstico. Por favor — implorou. — Vamos embora. — Ela agarrou a manga de sua camisa. Ele acenou rapidamente com a cabeça e a guiou até a carroça mais uma vez. — Oh — disse ela. — Minhas flores. — Ela se virou para pegar o precioso presente.

— Deixe-as — disse ele suavemente, com um tom perigoso retornando à sua voz. — Vou pegar-lhe mais algumas.

Ela olhou por cima do ombro para Todd, que não havia se mexido de onde estava ajoelhado no chão, depois permitiu que o Sr. Arkin a ajudasse a subir no assento da carroça. Moveu-se para o lado mais distante do banco para que ele não tivesse que dar a volta para subir.

Ao tirar a poeira da saia, ela notou que seu pretendente se aproximava de Todd. As palavras estavam muito baixas para que pudesse ouvir, mas o tom chegou até ela, fazendo cócegas em seus ouvidos. Ela não gostaria de ser a receptora do que quer que o Sr. Arkin estivesse dizendo a seu irmão neste momento.

O rosto de Todd ficou vermelho e sua boca se abriu como se quisesse dizer alguma coisa, mas, em vez disso, assentiu e caminhou até a carroça com Elizabet. — Avisarei Lucinda que foi embora.

— Tem certeza de que não mudará de ideia sobre vir à igreja?

— Tenho certeza. — Sua voz falhou com as palavras. — O Sr. Arkin a cuidará muito bem.

— Virá visitar?

Todd deu um passo para trás. — Não tão cedo. Precisa se instalar. Nós estaremos ocupados com a criança. Quando estiver pronta, avise-nos e, se for conveniente para seu marido, iremos visitá-la.

Elizabet assentiu e observou enquanto Todd voltava para a porta. O Sr. Arkin subiu na carroça e, com um movimento das rédeas, eles saíram do pátio. Ela esperou até passassem pelo campo antes de se virar para o condutor.

— O que disse a ele, Sr. Arkin?

— Acho que deve me chamar de Peter, agora que vamos nos casar.

— Tudo bem, Peter. — Elizabet se mexeu em seu assento. — Vai me dizer o que disse a ele?

Peter entrelaçou as rédeas de couro entre os dedos e levantou a perna de pau, apoiando-a na carroceria da frente.

— Não. Isso é entre mim e ele.

— Oh. — Ela mastigou o lábio inferior até que começasse a arder. — Acha que ele quis dizer que não virá nos visitar?

Peter deu de ombros.

— Ele pode vir visitá-la. Não vou mantê-la longe de sua família.

— Mas ele disse...

— Eu sei o que ele disse. — Peter colocou as rédeas em uma das mãos e se aproximou para esfregar sua perna. O tecido enrugou onde ficou preso na borda do pedaço de madeira.

Elizabet olhou ao redor da carroça. — Trouxe suas muletas?

Peter olhou-a. — É sempre tão falante assim?

Dando uma risada nervosa, ela respondeu. — Normalmente não. Acho que é o nervosismo.

— Então, Srta. Garrett, diga-me o que empacotou para caber tudo em uma pequena bolsa de carpete.

— Deveria me chamar de Elizabet.

— Esse é um nome muito bonito para uma senhora muito bonita. — Elizabet sentiu suas orelhas ficarem vermelhas. Ninguém nunca a havia chamado de bonita antes. — Sua bolsa? — ele instigou.

— Oh! — Ele a acharia uma simplória se ela continuasse perdendo a noção de seus pensamentos. Não devia fazer disso um hábito. — Apenas algumas coisas. Não preciso de muito. Tenho um vestido de dia extra, meu avental. Trouxe minhas botas velhas. — Ela se virou e sorriu para ele. — Ah, e a Bíblia da minha mãe. Achei que poderíamos ensinar nossos filhos a ler com ela... — sua voz se arrastou.

— Eu gostaria disso. Minha mãe ensinou meu irmão e eu a ler pela Bíblia.

— Tem um irmão?

— Sim. O nome dele é Lukas.

— Ele mora por aqui?

Peter passou a mão pelo rosto. — Não sei onde ele mora. Depois que a mamãe morreu, ele fez as malas e foi embora. Não o vejo há cerca de dez anos.

Elizabet roeu a unha, pensando no que ele havia dito. Como deve ter sido difícil ter seu único irmão o deixando sozinho. Deve ser tão difícil quanto ter um irmão invadindo sua vida.

— Quer ter filhos, Sr. Arkin? Quero dizer, Peter?

— Gostaria de ter alguns garotos fortes. Que homem não gostaria? Mas eu ficaria feliz com uma garota que se parecesse com a mãe e pudesse acompanhar os irmãos. E o que quer?

— Eu gostaria de ter uma família grande. Pelo menos meia dúzia.

Peter soltou um assobio. — É um número e tanto.

— Dessa forma, ninguém ficaria sozinho. — Elizabet olhou para a pequena cidade que se erguia ao longe e enxugou a lágrima que ameaçava aparecer em seu olho.

— Está tudo bem?

Elizabet assentiu. — Foi só um pouco de poeira que caiu no meu rosto. — A mentira era amarga em sua língua. — Marmee vai nos encontrar na igreja? — Marmee e uma de suas filhas serviriam como testemunhas da cerimônia.

— Ela disse que sim.

A curta distância até a igreja foi percorrida em silêncio e Elizabet tentou ignorar as perguntas que giravam em sua cabeça. Quando o pequeno prédio branco apareceu ao longe, Marmee e uma mulher que Elizabet não reconheceu estavam esperando na escadaria para que eles chegassem. Ela fez um pequeno aceno e esperou que as mulheres acenassem de volta antes de voltar seu olhar para Peter.

Muito em breve esse homem seria seu marido. Ela fechou os olhos e sussurrou uma rápida oração para que ele fosse gentil e para que Deus abençoasse o casamento. Abriu os olhos quando sentiu a carroça parar.

Peter puxou o freio da carroça e amarrou as rédeas na alavanca do freio. — Pronto?

Sua língua estava grossa e sua boca estava seca. Como ela pôde deixar de estar perfeitamente bem e passar a sentir vontade de vomitar? E como Peter conseguia parecer tão controlado?

Ela fez um pequeno aceno de cabeça e desejou saber o que ele estava pensando.

CAPÍTULO QUATRO



— Pronta? — Peter olhou para a mulher que, em alguns momentos, seria sua esposa.

Ela assentiu. Ele teria parado com o lado dela mais próximo dos degraus da igreja, mas estava claro que ela não se importava em se mover no banco, e Peter estava grato por não ter que andar ao redor da carroça agora.

Ele escorregou do banco da carroça e aterrisou no chão com um baque. A perna de madeira bateu em sua pele sensível. Com dor, anotou para comprar um linimento para cavalos quando passasse pelo mercado antes de voltar para casa.

Infelizmente, não era só isso que ele iria comprar.

Um vestido diurno, um avental, um par de botas velhas e a Bíblia da mãe.

Se ele pudesse ter jogado o irmão de Elizabet no chão, Peter o teria feito. Uma bolsa. Ela tinha *uma sacola* com tudo o que possuía dentro.

Não era como se a casa em que morava não tivesse nada. Eles simplesmente preferiam tratá-la... *de forma inferior*.

Peter sabia que Elizabet era uma trabalhadora árdua. Pôde perceber pelos calos em suas mãos quando ela deslizou sua mão pequena na dele, maior. Assim que envolveu sua mão grande na dela, quis envolver seus braços em torno de seu corpo pequeno e protegê-la de tudo e de todos.

A começar por seu irmão.

Quando Todd esbarrou em Elizabet, derrubando-a no chão, Peter quis rugir e destruir o homem que ousou machucar a mulher com quem ele iria se casar. Não importava que não a amasse ou não a conhecesse de verdade; ninguém faria mal à sua família.

Agora Elizabet era sua responsabilidade. E ele se certificaria de que nada lhe faltasse. Ao se virar, abriu os braços e ela deu um pequeno salto do assento da carroça. E, assim como antes, ele a segurou por um momento a mais do que o necessário. Seus grandes olhos verdes o olharam, enquanto a levava gentilmente para o chão.

Ele viu a respiração dela acelerar enquanto segurava seus braços. Os lábios da cor de morangos maduros se abriram levemente e a ponta da sua língua apareceu entre as fileiras de dentes brancos. Peter fechou os olhos e, com relutância, a soltou. Quando ele os abriu, ela havia se afastado e estava caminhando em direção a Marmee e a uma mulher com uma barriga bastante grande saindo de sua jaqueta.

Verificando o freio mais uma vez, ele puxou a jaqueta e foi em direção às

senhoras.

— Sra. Chapman — disse ele, levantando o chapéu para Marmee e depois fazendo uma leve reverência para a futura mãe. — Sra. Chapman. — Colocando o chapéu de volta em sua cabeça, se virou para Elizabet. — Senhorita Garrett, esta é a Sra. Pollyanna Chapman. Ela é casada com o filho mais novo de Marmee, Everett.

— Como está? — Elizabet respondeu suavemente. — Acho que ainda não a conhecia.

— Estou muito feliz por estar aqui hoje para assistir ao seu casamento — disse Pollyanna, elevando uma cesta na direção de Peter. Olhando para o pé de madeira dele, ela a puxou para trás. — Vou colocar isso na parte de trás da carroça. Fizemos um jantar de casamento para que não tivesse que cozinhar. Tem presunto, frango frito, biscoitos, ovos cozidos e pão de ló.

Marmee riu. — Pollyanna é uma excelente padeira. Sempre digo que ela precisa abrir uma loja aqui na cidade.

— Muito obrigada. Aqui — disse Elizabet, oferecendo-se para pegar a cesta de Pollyanna, — deixe-me levar isso. Vou colocá-la na parte de trás da carroça.

— Posso fazer isso, Bet — disse Peter.

Ela fez uma pausa, com os braços ainda estendidos e piscou várias vezes. Ela lembrou a Peter a coruja que fazia seu ninho no celeiro. “Bet?” Elizabet balançou a cabeça como se estivesse limpando as teias de aranha dos cantos.

— Vai levar alguns minutos que suba as escadas — disse ela suavemente. — Comece e eu estarei logo ali para ajudá-lo.

— Não preciso de ajuda. — Ele deve ter dito isso de uma forma mais dura do que pretendia, pois o queixo de Elizabet caiu e ela virou-se.

— É claro. Eu não quis dizer nada com isso.

Peter observou enquanto ela caminhava em direção à carroça com Pollyanna. Sentiu os olhos de Marmee se fixarem nele.

— O quê? — ele exigiu.

Encolhendo os ombros, Marmee começou a subir as escadas. — Nada. Venha!

Peter levantou o pé de madeira e o usou para se apoiar enquanto subia o degrau com a perna saudável.

— Sim. Estou indo.

— Onde estão o irmão e a cunhada dela?

Ele achou interessante o fato de Marmee ter se referido aos parentes de Elizabet como irmão e cunhada, já que não havia distinção entre filhos, filhas e sogros na casa dos Chapman. Eram simplesmente uma família.

Peter estremeceu ao dar o próximo passo. — Eles não virão. Acho que o irmão dela não aprovou o casamento.

— Hmmm. O pregador já chegou e está esperando lá dentro.

— Comprei flores para ela — Ele deixou escapar.

— Flores?

Peter assentiu. — Para um buquê. Elas caíram, não tive a chance de encontrar outras.

Marmee sorriu. — Tenho certeza de que podemos encontrar algo. Continue andando e eu já volto. — Ela desceu os degraus, dois de cada vez, levantando a saia para poder pular os degraus.

— Para onde ela está indo? — Elizabet perguntou, juntando-se a Peter em seu degrau. Ele não tinha ido muito longe.

— Ela teve que ir buscar alguma coisa. — Ele enrijeceu a perna e subiu mais um degrau.

— Como está sua perna?

— Está doendo pra caramba. — Ele olhou para Elizabet, que estava acompanhando seu ritmo. — Pode ir na frente, se quiser.

— Não precisa. Vou ficar contigo.

Subiram os últimos degraus em silêncio. Ela ficou ao lado dele o tempo todo, dando um passo à frente e esperando que ele posicionasse a perna e se empurrasse para o próximo degrau. Não havia censura ou condenação em seu rosto enquanto ela esperava pacientemente que ele subisse os sete degraus até a entrada da igreja.

Quando chegaram à porta da igreja, sua perna estava latejando e ele se arrependeu de ter deixado as muletas em casa. Podia sentir sua pele se rasgando e estremecia a cada passo em direção ao altar.

— Trouxe uma testemunha? — perguntou o reverendo Billings, acenando para eles. O reverendo era um homem mais jovem, substituindo recentemente o reverendo O'Brien, que havia se aposentado.

Quando se aproximaram do primeiro banco, Elizabet fez sinal para que ele se sentasse.

— A Sra. Chapman está chegando. Pode nos preparar para o que precisamos fazer? Receio que precise levar meu marido para casa o mais rápido possível depois do culto.

— Não está bem, Peter? — A preocupação era evidente na voz do reverendo. — Talvez devêssemos adiar a cerimônia?

De jeito nenhum! Se eles adiassem, isso significaria que Elizabet teria que voltar para casa, para o irmão e a esposa dele. De forma alguma mandaria aquela mulher gentil de volta para lá.

Ele fora firme em suas palavras para Todd Garrett.

Ela é sua irmã agora, mas, em poucas horas, será minha esposa. Como minha esposa, eu a protegerei com cada respiração de meu corpo. Nunca mais deve deixá-la chateada ou fazer qualquer coisa que possa prejudicá-la. Foi claro?

— Peter? — A voz melódica de Elizabet interrompeu seus pensamentos. Faria tudo o que estivesse ao seu alcance para protegê-la.

Peter balançou a cabeça, afastando os pensamentos desagradáveis de antes e sorriu para o pregador.

— Peço desculpas. Apenas me esforcei demais. Por favor, vamos continuar.

— Ah — disse o reverendo Billings. — Aqui estão as Sras. Chapmans.
— Flores para a noiva — disse Marmee, entregando as flores a Peter.
— Estas são suas — ele murmurou para Elizabet. — Marmee escolheu algumas lindas para substituir as que caíram.

— Elas são lindas. — Elizabet pegou as flores oferecidas e as levou ao nariz. — Obrigada, Peter. Flores, duas vezes em um dia. Imagine só. — Peter ficou satisfeito por tê-la feito feliz.

— Estão prontos? — O reverendo fez sinal para que Peter e Elizabet tomassem seus lugares na frente do altar.

Peter repetiu as palavras que o pregador disse e, quando chegou a hora, tirou um anel do bolso do colete.

— Este era o anel de minha mãe, — disse suavemente enquanto colocava uma aliança de ouro simples em seu dedo. — Meus pais foram muito felizes juntos. Espero que sejamos também.

Elizabet deu um pequeno sorriso e Peter sentiu seu coração bater mais forte.

— Eu gostaria muito — ela sussurrou. Ergueu a mão e limpou gentilmente o suor que estava manchando a testa dele. — Vamos levá-lo para casa rapidamente para que possa colocar sua perna para cima.

Quando o reverendo os declarou marido e mulher, Peter se inclinou e, segurando seu rosto com as mãos, encostou os lábios nos dela. Instantaneamente, todos os pensamentos sobre a dor em sua perna desapareceram e seu cérebro foi consumido pelo prazer do beijo. Ouviu a respiração dela se contrair quando ele a reivindicou como esposa.

As mãos de Elizabet foram até os ombros de Peter e seus dedos se enrolaram ao redor deles, as unhas pressionando o tecido do colete. Peter bloqueou tudo, exceto a sensação da maciez sob ele e a pressão das mãos dela contra seus ombros.

Elizabet pressionou os ombros de Peter, empurrando-o para longe quando o reverendo limpou a garganta. Peter levantou a cabeça, olhando para ela, que estava com as bochechas rosadas. O som de risadas passou por seus ombros.

— Acho que vão se sair muito bem — falou o reverendo. — Por que não assinamos o registro e depois podem ir para casa?

Depois de rabiscar seu nome embaixo do de Elizabet, ele agradeceu ao reverendo, pediu desculpas a Marmee e à Sra. Chapman e foi mancando em direção à saída para a carroça que o esperava do lado de fora. Ele ouviu Elizabet falando com as Chapmans e depois o seguindo. Ela colocou a mão em suas costas enquanto ele descia os degraus lentamente.

— Não precisa fazer isso — disse ele, bruscamente.

Ela retirou a mão imediatamente. — Só estava tentando ajudar.

— Não preciso de sua ajuda, posso fazer isso sozinho.

— É claro.

Eles chegaram à carroça em silêncio. Ela não disse nada enquanto subia na roda e se esgueirava para o outro lado do banco. Foram necessárias várias

tentativas para que ele conseguisse subir e apoiar a perna na carroceria.

Mal conseguia olhar para ela. Sabia que não se tratava de um encontro amoroso. Ela lhe disse exatamente por que precisava se casar, e ele lhe disse exatamente o que esperava de sua esposa. Agora que estavam casados, Peter se perguntava se havia se arrependido de tê-la beijado daquela maneira. Ele se perguntava se se arrependia das palavras que dissera ao colocar a aliança no dedo dela.

Não, não se arrependia disso.

Ele rezava para que pudessem ser felizes. Se não pudessem se apaixonar, pelo menos poderiam se sentir confortáveis um com o outro. Isso seria suficiente. Não seria?

— Peter? — ela perguntou. — Está se sentindo bem?

Ele assentiu. O fracasso abalando cada osso de seu corpo.

Ela merecia mais do que um homem que não conseguia andar mais do que alguns passos.

Sua mandíbula doía de tanto apertar os dentes. Ela não merecia suas palavras concisas. — Desculpe-me por ter sido rude.

— Está com dor. Eu também estaria mal-humorada. Vamos para casa.

— Precisamos passar no mercado.

— Para quê? Precisa ir para casa e colocar sua perna para cima.

— Não vou à cidade com muita frequência. Preciso aproveitar a viagem.

— Não podemos sair no final da semana?

Peter balançou a cabeça. — Não posso ficar longe da fazenda por tanto tempo.

— Mas não...

— Só porque tenho apenas uma perna, não significa que não posso supervisionar minha fazenda.

— Eu não quis insinuar...

— Eu sei, Bet. Vamos continuar. Yaw — disse ele, dando um tapa na garupa do cavalo com as rédeas. Levou apenas alguns minutos até chegarem em frente ao mercado.

— Tem uma lista? — Elizabet perguntou, descendo da carroça. — Eu posso buscar os itens enquanto senta aqui e descansa a perna.

Peter levantou sua perna de pau e a balançou sobre a lateral da carroça, descendo até o chão.

— Não. Eu a deixei em casa. — Odiava mentir para ela, mas não planejava fazer essa viagem até ver a sua sacola de viagem desgastada.

Mancou até a porta do mercado e fez uma careta ao ver o banco onde, ontem mesmo, estivera esperando a diligência chegar. Segurando a porta aberta, acenou para Elizabet entrar na grande loja. A loja estava repleta de todos os tipos de artigos, dos mais diversos que alguém poderia precisar para viver tão remotamente. Os Ardens recebiam suprimentos semanalmente em uma das diligências, portanto, se não tivessem algo em estoque, poderiam obtê-lo em pouco tempo. Itens maiores eram entregues por um comboio de

carroças que passava pela pequena cidade uma vez por mês.

— Sr. Arkin! — disse Rose, saindo de perto do balcão. — O que o traz aqui hoje? Não achei que estivesse na data de comprar seus suprimentos.

— Só preciso de algumas coisas, Rose — respondeu ele, inclinando-se para esfregar o joelho. — Por acaso tem um lugar para sentar-se?

— Dillon! — ela chamou. Um homem de meia-idade saiu de trás de uma cortina. — Pode pegar um banco para o nosso amigo? — Ela se virou para sorrir para Peter. — Ele já vai sair. Agora, o que está procurando?

Dillon Arden apareceu com um banquinho de madeira que pôs ao lado do balcão. — Aqui está, Peter. Pode se encostar aqui enquanto eu pego o que precisa. Acontece que tivemos sementes na diligência ontem.

— Sementes? O trigo deve se semear sozinho neste inverno. — Peter se sentou no banco enquanto seus olhos examinavam ao redor da loja e viam Elizabet admirando os itens sob uma placa de boticário.

— Não. A Rose meteu na cabeça a ideia de encomendar sementes de flores do Leste.

— Sementes de flores?

— Sim. Vi-as em um catálogo no inverno passado. Fiz o pedido e logo me esqueci delas. Acho que finalmente chegaram. Agora, o que vou fazer com todas essas sementes de flores?

— Não sei. Tenho certeza de que alguém vai querer. — Ele observou enquanto Elizabet pegava vários frascos e torcia as tampas, levando-as até o nariz. Os lábios dele se curvaram em um sorriso quando ela fez uma careta ao inalar a poção que estava contida em um dos potes de vidro.

— O que o traz aqui hoje? — perguntou Dillon, repetindo a pergunta da esposa.

— Tem algum vestido?

— Nunca imaginei que fosse do tipo que usa vestido, Sr. Arkin — Rose riu.

Peter a olhou. — Eles são para minha esposa.

— Elizabet? Casou-se com Elizabet?

Peter ignorou a pergunta de Rose.

— Precisa de pelo menos dois já feitos e tecido suficiente para mais dois. Além disso, qualquer roupa de baixo. Um par de botas resistentes e tudo o mais que ela precisar.

— Oh, meu Deus — Rose disse, levando os dedos à boca. — Isso é bastante. — Correu até onde Elizabet ainda estava revirando frascos no balcão. Rose deve ter mencionado o que Peter pedira, já que Elizabet virou-se para olhar para ele.

Ele acenou com a cabeça para ela e apontou para o rack de vestidos no canto da loja antes de se virar para Dillon.

— Adicione-a à minha conta para quaisquer compras futuras que ela precise, se vier à cidade sem mim.

— Precisa de mais alguma coisa? — Dillon puxou um livro-razão da

gaveta e o abriu antes de escrever em uma página. Batendo o livro-razão fechado, o colocou de volta na gaveta.

— Linimento.

— Vermelho ou branco?

— Vermelho. — A pimenta arderia como o diabo, mas acalmaria seus músculos doloridos. — É só isso. — Ele apoiou o cotovelo no balcão e fechou os olhos, ouvindo os sons na loja e rezando para que não demorasse muito para levar sua esposa para casa.

CAPÍTULO CINCO



— Peter? — Elizabet estendeu a mão e sacudiu gentilmente o seu braço.

Sua cabeça caiu com um baque e ele pulou no assento, sua bota de madeira raspando no chão enquanto tentava se endireitar. Pobre homem, pensou ela. Devia estar exausto.

— O quê? — Peter balançou a cabeça e olhou ao redor do mercado. — Me desculpe, Bet. Quanto tempo fiquei dormindo?

— Não muito tempo. Apenas cochilou. Cinco minutos, no máximo. — Ela segurava um vestido nas mãos. — A Sra. Arden só tem um vestido que serve. Não quero que gaste seu dinheiro comigo.

— Bobagem — ele cuspiu. Ela estremeceu quando a palavra passou pelos lábios curvados. — Não vou permitir que use trapos. Não sou seu irmão. É minha esposa. Eu a cuidarei. Tem certeza de que não há mais nenhum?

Ela balançou a cabeça. — Não. — arfou com a palavra.

Ele deve ter visto as lágrimas ardendo em seus olhos, então estendeu a mão para segurar gentilmente seu braço.

— Não estou chateado contigo, Bet. Só quero que esteja devidamente equipada. — Ele suavizou a voz. — Se não houver mais vestidos, peça um. Mas vamos comprar tecido e pode fazer outro vestido. Sabe costurar, não sabe? — Elizabet assentiu. — Essa é a minha garota. Escolha algo bonito. Estou vendo um tecido amarelo com flores azuis ali. Cair-lhe-ia bem.

— Peter, nós realmente precisamos levá-lo para casa — insistiu Elizabet. — Esses itens podem esperar até voltarmos para a cidade.

— Pode demorar um mês, Bet.

— Então é um mês. Vou pegar esse vestido, o tecido e alguns aviamentos. Tudo o mais pode esperar.

Ela viu Peter comprimir os lábios em uma linha fina, mas ele assentiu. Estendendo a mão para apertar rapidamente o braço dele, ela sorriu.

— Já volto, para que possamos ir para casa. — Ela colocou o vestido sobre o balcão, com os dedos demorando na renda. Nunca tivera um vestido tão bonito. A Sra. Arden já estava cortando o tecido amarelo e azul quando Elizabet foi até o balcão mais distante.

— Ouvi o que Peter disse — ofereceu a Sra. Arden. — É um tecido lindo. Acho que três metros serão suficientes. Quer alguma renda para os punhos ou para a gola?

— Não. Mas vou levar um pouco de linho simples para um capuz.

— Ele queria que comprasse o suficiente para dois vestidos. E roupas de

baixo.

— Então acrescente mais linho e eu posso fazer um vestido de trabalho com isso. — Ela colocou chita azul-escura com pontos brancos sobre o balcão. — Vou precisar de linha e agulhas. Não tenho nenhuma.

A Sra. Arden apontou para um mostruário de aviamentos e começou a medir as dobras do pedaço de tecido mais escuro.

Elizabet colocou vários carretéis de linha no balcão e um pequeno pacote de agulhas. Todd nunca havia permitido que ela fizesse suas próprias compras, e Lucinda certamente nunca a deixara escolher nada no mercado. Era uma sensação nova. Elizabet gostou, mas não queria se aproveitar da generosidade de Peter. Ela sorriu com a alegria de tudo isso.

A Sra. Arden rabiscou em um pedaço de papel. — Vou mandar embrulhar, mas pode levar isso para o balcão e meu marido vai lhe dar a conta.

— Esqueci alguma coisa?

A esposa do lojista olhou para a pequena pilha. — Botões?

— Oh — Elizabet riu. — Apenas os simples, por enquanto. E vou precisar de um pedaço de giz.

Acrescentando dois cartões à pilha, a Sra. Arden rabiscou no pedaço de papel.

— Pode pegar o giz na caixa registradora. Diga ao Sr. Arden que eu o coloquei aqui. Mais alguma coisa?

Elizabet olhou para os bálsamos na seção de boticário. — Eu gostaria de um daqueles frascos de Wonder Jelly. Mas gostaria de pagar por ele separadamente, por favor.

A Sra. Arden levantou a sobancelha.

— Quer pagar no balcão?

Elizabet balançou a cabeça.

— Não. Vou pagar para a senhora, se não se importar. — Ela não queria que Peter visse a compra, mas esperava poder surpreendê-lo. — A placa dizia vinte e cinco centavos? — Colocou três moedas na mão da Sra. Arden e pegou uma pequena caixa, colocando-a em sua bolsinha. Pegando o papel da Sra. Arden, se dirigiu à caixa registradora.

Peter estava conversando com o Sr. Arden sobre o preço do trigo enquanto ela colocava o papel em um pacote marrom amarrado com barbante na frente dele.

— A Sra. Arden está embrulhando tudo — disse ela suavemente.

O Sr. Arden pegou o papel e rapidamente somou os valores.

— Dez dólares e setenta e três centavos.

Elizabet soltou um suspiro e rapidamente pressionou os dedos contra os lábios. Não queria envergonhar Peter na frente do lojista. Peter remexeu em seu bolso, tirou várias notas amassadas e as colocou sobre o balcão.

— Rose deve terminar de embrulhar seus pacotes em breve, Sra. Arkin.

Sra. Arkin. Sabia que era casada, mas ouvir outra pessoa chamá-la assim. Queria brilhar de orgulho. Prometeu ser uma boa esposa para Peter. E isso

significava levá-lo para casa.

— Obrigada. Peter, por que não vai até a carroça? Eu posso levar os pacotes.

A sobranceira de Peter se enrugou. — Eu posso...

— Sei que pode. Mas deixe-me ajudar, marido.

Peter fez uma pausa e olhou para ela com olhos castanhos suaves. Ele assentiu e acenou para o lojista antes de se dirigir lentamente para a porta. Quando estava do lado de fora, Elizabet pegou seus pacotes.

— Obrigada por sua ajuda.

— Sra. Arkin? — O lojista a chamou.

Elizabet se virou. — Sim?

— Acho que será muito boa para ele.

— Espero que sejamos bons um para o outro. Bom dia, Sr. e Sra. Arden. — Elizabet fez malabarismos com os pacotes e seguiu o marido até a carroça. Peter já havia subido na carroça e seu pé estava apoiado no estribo. Colocando os pacotes atrás de sua bolsa, ela subiu ao lado dele.

— Pronta para ir?

Peter deu um leve tapa no cavalo e eles partiram em direção à periferia da cidade.

— Desculpe-me por não ter sido muito útil lá atrás.

— Não se desculpe. — Elizabet olhou para os prédios enquanto desciam a rua principal da cidade. Em alguns momentos, passaram pelas últimas estruturas de madeira e estavam olhando para a pradaria aberta. — Qual é a distância até sua casa?

— Nossa casa — ele corrigiu gentilmente. — Cerca de uma hora de viagem.

— Provavelmente é por isso que não vem muito à cidade. — Elizabet mordeu o lábio inferior. — Obrigada por comprar essas coisas para mim hoje. Não precisava.

— Disse isso na loja.

Ela se mexeu em seu assento. — Acho que sim. Nunca tive um vestido novo.

— Nunca?

Elizabet balançou a cabeça. — Não. Lucinda comprava roupas novas. Eu ficava com os vestidos dos quais não gostava ou que estavam desgastados.

— Ela não é tão alta.

— Eu apenas acrescentava mais tecido na parte de baixo, para que as saias não ficassem tão estranhas.

— Ela também é maior.

— É mais fácil acertar um vestido para ficar mais justo do que deixá-lo mais largo.

Peter emitiu um rosnado baixo. Isso fez Elizabet se lembrar dos leões da montanha que às vezes se aproximavam demais do rancho.

— Está tudo bem? — ela perguntou.

Ele apertou as rédeas com mais força, com veias salientes nas costas das mãos.

— Estou apenas pensando.

— Pensamentos bons? — perguntou, esperançosa.

Peter soltou as rédeas, as veias relaxando sob sua pele. Ele deu uma risada desconfortável.

— É sempre tão alegre?

Ela levantou os ombros. — Acho que sim. Realmente não há muito com o que ficar infeliz. — Olhando para a bota de madeira apoiada na carroceria, ela fez uma careta. — Desculpe-me, eu não queria...

— Eu sei que não.

— Acho que as coisas acontecem por um motivo.

— Acha?

— Claro que sim. Se não tivesse perdido a perna, não teria pedido ajuda à Sra. Chapman. Se Lucinda não estivesse insistindo para que eu encontrasse outro lugar para morar, eu não teria pedido ajuda à Sra. Chapman. Se aquela mulher na diligência não tivesse sido o que foi...

— São muitos “ses”, Bet.

— Mas isso nos uniu.

Peter olhou para a paisagem pensativamente. — Acho que sim.

— Peter?

Ele se virou para olhar para ela. — O que foi, Bet?

Gostava da maneira como o nome dela saía de sua língua. Soava lento como melaço em janeiro, mas quente como uma xícara de cidra de maçã da Marmee. Olhando para ele por baixo dos cílios grossos, ela lhe deu um pequeno sorriso.

— Eu estava pensando se deveria tirar a perna.



Peter se esforçou para segurar as rédeas que caíram de sua mão e deslizaram pela carroceria enquanto ele ouvia a pergunta de Elizabet.

Talvez tenha subestimado sua nova noiva.

Entrelaçando as rédeas entre os dedos, apertou o punho, com o couro penetrando em sua pele. Não cometeria esse erro novamente.

Peter olhou para ela e levantou uma sobrancelha. Elizabet riu.

— Acho que isso parece um pouco ridículo. Só estava pensando que, se estivesse doendo tanto, poderia pelo menos aliviar a dor durante a viagem de volta para casa.

— Vou deixar minha perna exatamente onde está.

— Posso saber como se machucou?

Peter limpou a garganta. — Por que todas essas perguntas? — Tentou não parecer irritado com ela, mas, pelo amor de Deus, era muito falante.

Observou quando ela se afastou dele e olhou para a pradaria.

— Só queria saber mais a seu respeito. Achei que, já que estamos casados, sabe o que quero dizer. Não tem nenhuma pergunta para me fazer?

— Não, não tenho. — Ele deu um leve tapa nas rédeas, incentivando o cavalo a ganhar velocidade. Peter ficou em silêncio enquanto a carroça balançava na estrada seca.

Não demorou muito para que chegassem ao topo de uma pequena colina e sua fazenda fosse vista.

— O que é isso? — Elizabet perguntou, apontando para pontos pretos à distância.

— São bovinos de corte — explicou Peter. — A maioria deles pertence aos Chapmans. A casa deles fica ali. — Ele apontou para o leste, onde o riacho serpenteava ao redor de um grupo de árvores. — Weston alimenta seu gado em minhas terras durante os meses de inverno e, durante o verão, são levados para pastar naquela área.

— Não tem nenhuma vaca?

Peter deu uma risadinha. — Esses não são vacas. São bois. Um pode ser desagradável também, se chegar perto. Eu tinha planejado criar gado de corte. Esta terra é perfeita para isso, mas depois do... bem, digamos que não tenho forças para ficar montado em um cavalo o dia todo e caçar animais perdidos.

— Então, como ganha a vida?

Peter esfregou o queixo. — Acha que não posso sustentá-la? Ouvi o que seu irmão disse.

— Não. — Elizabet torceu as mãos em seu colo. Peter sabia que ela estava mentindo. Uma mentira por omissão era tão ruim quanto uma mentira direta.

— Mas está preocupada.

— Estaria mentindo se dissesse que não estou.

Ele guiou a carroça em direção ao pequeno celeiro na extremidade da propriedade.

— Sou dono da minha fazenda e de todas as terras ao redor dela. Quase 500 acres. Meu irmão e eu a compramos de uma vez. Amanhã lhe mostrarei a fazenda, mas essa é a casa e há um jardim ao lado. Ele não é trabalhado há quase um ano, por isso está coberto de mato. Há um campo de trigo que Weston colherá neste outono. Tenho galinhas e uma vaca leiteira.

— Trabalha tudo isso sozinho?

— Weston aluga a terra. É assim que ganho a vida. Ele tem trabalhadores que vêm, plantam e colhem. Também aluga os campos para o pasto de seus bois. Isso significa que não preciso me preocupar, nem vender as terras. Ganho bem o suficiente para sustentá-la, Bet.

Ela deu um sorriso hesitante. — Gosto que me chame de Bet. Meu irmão me chama de Lizzy, mas gosto mais do seu apelido. — Por que estava nervosa de repente?

Peter parou do lado de fora do celeiro. — Preciso guardar o cavalo e depois vou até a casa. Por que não entra?

— Eu o ajudarei. — Antes que ele pudesse recusar, colocou a mão em seu braço e ele sentiu uma calma diferente de qualquer outra que já havia conhecido antes. Sabia que não estava mais sozinho. Elizabet apertou seu braço rapidamente e desceu da carroça. — Vai simplesmente deixar a carroça aqui?

Ele engoliu, as palavras se misturaram em seu cérebro. Era uma pergunta simples, por que estava tendo dificuldade em respondê-la? Era porque nunca tivera ninguém que oferecesse uma ajuda sincera. Marmee era diferente. Ela entrara de rompante e assumira o controle. Elizabet estava aqui porque queria estar. *Ela esperava que sim.*

— Peter?

A voz dela interrompeu os pensamentos dele.

— Sim. Costumava guardá-la no prédio ali, mas era muito trabalhoso colocá-la para dentro e para fora, então a deixo aqui.

Elizabet caminhou até a pequena estrutura anexada à lateral do celeiro. Era grande o suficiente para armazenar uma carroça, mas não o suficiente para a carroça e o cavalo. O fazendeiro teria que desatrelar o cavalo e depois puxar manualmente a carroça para dentro da estrutura.

— Se tirar a parede dos fundos, poderá passar direto — ela o chamou.

— Como? — Peter tirou a perna da carroceria e a abaixou na lateral da carroça antes de pular para baixo.

Elizabet caminhou de volta para a carroça.

— Disse que, se removesse a parte de trás do galpão, poderia passar com a carroça direto. Depois, soltaria o cavalo na outra extremidade. Então, quando precisasse sair, era só atrelar o cavalo de volta e sair do galpão. — Ela foi para o lado do cavalo e começou a puxar o arreio. — Isso facilitaria as coisas.

Peter mancou até a frente do cavalo e puxou as rédeas sobre a cabeça do animal.

— É realmente demais, Srta. Garrett.

— Sra. Arkin. Meu nome é Sra. Arkin. — Olhou para ele por cima da parte traseira do cavalo, com os olhos franzidos nas bordas. — Pronto. Tudo pronto. Vamos dar água e comida a ele e depois podemos fazer-lhe o mesmo. — Deu uma risadinha com suas próprias palavras e o riso tomou conta de Peter como a mais doce das melodias.

Ele definitivamente a subestimara.

CAPÍTULO SEIS



Elizabet insistiu que Peter se sentasse perto da bancada de trabalho enquanto ela dava água e alimentava o cavalo. Ele fez um pouco de barulho, mas depois recuou, quando quase o empurrou para o assento. Deu uma risadinha ao pensar em uma mulher de sua pequena estatura dando ordens a um fazendeiro alto, mas ele finalmente concordou e ela conseguiu levar o cavalo para a baia.

— Qual é o nome dele? — ela perguntou enquanto tirava os últimos acessórios e os entregava a Peter. — Não posso chamá-lo de cavalo.

— Não dei nome a ele. Acho que não dei nome a nenhum dos animais. — Peter colocou os apetrechos na bancada de trabalho. — A aveia está ali, e a bomba d'água está bem do lado de fora da porta do celeiro. Posso pegar a água.

— Não — insistiu Elizabet, despejando uma porção de aveia em um balde preso ao poste. — Preciso aprender tudo.

— É o dia do seu casamento, Bet.

Será que havia um rosnado em sua voz?

— Bem, é o dia do seu casamento também, Peter, então vamos terminar isso e podemos ir para dentro e jantar. — Irritada por brigar, sabia que ele estava cansado, mas por que Peter não fazia algo a respeito? Não era culpa dela que ele tivesse deixado as muletas em casa. Esfregando a testa, pegou o balde. — Na verdade, porque não vai em direção à casa, eu já vou.

Ela levantou o queixo e passou por ele em direção à porta do celeiro, até a bomba d'água que podia ver do lado de fora. Quando a saia dela passou por sua perna, sentiu seu braço serpentear ao redor de sua cintura e puxá-la para perto.

— Elizabet — sussurrou, pressionando o rosto em suas costas. Ele inalou profundamente. — Não fique chateada. Essa não é a maneira de começar nosso casamento. Só estou frustrado por não poder fazer tudo o que quero... que preciso fazer.

Largando o balde, ela se virou em seus braços e tirou o chapéu dele, jogando-o por cima do ombro na bancada de trabalho.

— Isso é para que eu possa olhá-lo — disse ela suavemente. O cabelo indomável dele se enrolou ao redor das orelhas quando os dedos dela hesitaram em tocar uma das mechas. Embora ele tivesse se barbeado antes, já havia uma sombra no queixo. — Não preciso que faça nada por mim, a não ser proporcionar um lar para mim e nossos filhos. Proteja-nos, certifique-se de

que temos o suficiente para comer e que estamos seguros.

— Talvez seu irmão estivesse certo. Que eu sou menos homem. — Ele virou o rosto para o outro lado.

— Peter — ela imitou o rosnado dele. Com dois dedos, levantou o seu queixo. — É preciso ser um homem especial para fazer o que fez. Sabia que precisava de uma ajudante. Pediu ajuda à Sra. Chapman e eu não consigo esquecer tudo o que fez hoje. Enfrentar meu irmão, trazer-me flores... não uma, mas duas vezes. Comprando aquelas roupas lindas para mim. Nunca tive nada novo em toda a minha vida. Ne verdade, é mais do que um homem.

Sem pensar ou hesitar, ela se inclinou e gentilmente encostou os lábios nos dele. Sentiu sua mão subir por suas costas e parar em sua nuca, puxando-a para mais perto dele. Os bigodes que se destacavam na pele dele faziam cócegas em suas bochechas enquanto ela segurava sua cabeça com firmeza. O calor subiu em suas faces quando ele aprofundou o beijo, reivindicando-a como sua.

Sem fôlego, ela se afastou.

O que ele deve estar pensando? Ele a fitou com os olhos encapuzados, um sorriso cansado surgindo em seus lábios.

— Sinto muito, Peter — ela começou.

— Não sinto — ele deu uma leve risada.

— Não?

Ela a puxou com mais força. — Pode me beijar a qualquer momento. Parou de doer minha perna.

Elizabet colocou as mãos nos ombros dele e pressionou outro beijo rápido em seus lábios.

— Não está doendo?

— Não.

— Ótimo — ela deu uma risadinha. — Deixe-me dar água ao cavalo e pode carregar os pacotes.

Com relutância, ele a soltou. — Pode estar doendo de novo. Talvez eu precise de outro beijo.

Elizabet pegou o balde e se inclinou para frente, com os olhos fechados e os lábios franzidos com grande exagero. Peter riu muito e ela sentiu a mão dele segurar seu queixo e pressionar um beijo em seus lábios com um estalo alto.

— Vou dar água ao cavalo agora — disse Elizabet, correndo em direção à porta do celeiro. Peter a seguiu e ficou ao lado da carroça enquanto ela enchia o balde e dava água ao cavalo. — Preciso fazer mais alguma coisa?

— Não agora. Vou escová-lo mais tarde, quando ordenhar a vaca.

— Posso voltar e ajudar.

Peter não disse nada. Foi até a parte de trás da carroça e passou para Elizabet a cesta cheia de guloseimas da Marmee.

— Eu carrego os pacotes e a bolsa de viagem — Ele os colocou na beirada da carroça antes de equilibrá-los em seus braços.

Elizabet enganchou a cesta em seu braço e pegou dois dos pacotes, pressionando-os contra o peito. Levantou a sobranceira, desafiando Peter a dizer alguma coisa. Ele pegou silenciosamente os pacotes restantes e a bolsa de viagem antes de atravessar o pátio.

Enquanto caminhavam em direção à pequena casa da fazenda, Elizabet teve a chance de olhar ao redor. A área do jardim estava coberta de mato e ela viu galinhas correndo entre a folhagem, devorando gafanhotos.

— Onde fica o galinheiro?

— Galinheiro?

— Sim. Onde as galinhas põem seus ovos?

Peter embaralhou os pacotes para liberar sua mão, permitindo que coçasse a cabeça.

— Não sei. Eu encontro alguns no celeiro. Acho que elas vão para lá à noite.

— Não tem um galinheiro de verdade?

— Eu tinha, mas tivemos uma tempestade ruim e ainda não consegui reconstruí-lo.

— Hmm.

Ela olhou para o exterior da casa. Tinha dois andares, mas não parecia muito grande do lado de fora. Era solidamente feita de tábuas de madeira que haviam sido pintadas em algum momento. Ela notou que precisava ser pintada novamente, pois grandes flocos de tinta desbotada caíam no chão sob o sol forte. A argamassa feita de lama misturada com grama, palha e musgo preenchia as rachaduras e os cantos. Quatro grandes janelas de vidro os contemplavam enquanto se aproximavam dos três degraus que levavam a uma varanda robusta.

Era uma bela casa, exceto pelo fato de não ter o toque de uma mulher e precisar de uma nova camada de tinta, mas era dela.

— Receio que seu interior seja bastante simples. Não fiz muita coisa desde o acidente.

— Tenho certeza de que ficará muito bom — sorriu ela. — Mal posso esperar para ver o interior. Deixe-me abrir a porta, já que suas mãos estão ocupadas. — Ela se adiantou a ele e levantou o trinco, abrindo a porta.

— Entre e coloque a cesta sobre a mesa. Estou logo atrás.

Elizabet atravessou a soleira da porta. Ela deu um pequeno suspiro. Quantas vezes sonhara em ser carregada pela soleira da porta de sua nova casa como uma noiva. Olhando de relance para Peter, sabia que era egoísmo de sua parte pensar em tal romantismo. Seu marido era mais do que suficiente.

Estava longe de Lucinda, casada com um homem honrado e tinha um lar para chamar de seu.

Não precisava se preocupar com o que não tinha.

O cheiro de madeira queimada impregnava o ar úmido dentro da casa. Aparentemente, as janelas não eram abertas há algum tempo. Essa seria a primeira coisa a ser corrigida.

Olhando para as janelas, descobriu que não havia cortinas para bloquear o sol da manhã. Havia uma segunda coisa.

Perto da porta havia uma mesa de madeira com duas cadeiras, um pote de vidro cheio do mesmo tipo de flores que Peter levava para ela na igreja estava no meio do móvel. Elizabet apoiou a cesta na borda da mesa e colocou os pacotes ao lado dela. Com o dedo nas flores, sorriu e olhou para o resto da sala, mas seu sorriso desapareceu rapidamente.

Não havia muito para ver e Elizabet tentou ao máximo esconder sua decepção. O quarto era pouco mobiliado. Um colchão de pelúcia com um acolchoado estava no chão, encostado em uma parede. Uma cadeira de balanço, um banquinho para os pés e uma pequena mesa com ferramentas de carpintaria ficavam perto de uma lareira de tijolos. Pedacos de móveis inacabados estavam espalhados pela grande lareira. Ao notar um grande braço que seria usado para permitir que uma panela descansasse sobre as chamas enquanto cozinhava, Elizabet permitiu que seus olhos examinassem o resto do cômodo. Não havia um fogão!

Ela não cozinhava em um fogo aberto há anos. Um forno de pão de ferro fundido ficava na altura da cintura na parede de tijolos, o que facilitaria o cozimento. Pelo menos não precisaria se preocupar em cobrir um forno com brasas.

Apesar das cinzas que cobriam os móveis escassos, a casa tinha potencial. No canto mais distante da lareira, um lance de escadas desaparecia atrás de uma parede recuada. Perguntou-se o que havia no andar de cima se a cama estava no andar de baixo, no quarto aberto. Havia também um armário de pé e uma pequena porta.

Tirando o chapéu, o colocou na cadeira e se virou para Peter.

— Deixe-me mostrar-lhe a casa — disse ele, enquanto colocava a sacola no chão. Virando-se sobre sua perna boa, ele abriu bem os braços. — É aqui. Bem-vinda ao seu novo lar.

— É... — ela tentou pensar nas palavras apropriadas que não o ofenderiam. — Aqui é bem grande.

Os olhos de Peter examinaram seu rosto. — Está desapontada?

Ela balançou a cabeça. — Acho que eu esperava móveis. — Ela acenou com a mão ao redor do cômodo. — É um fogão. Mas essas são coisas bobas, já que temos um teto sobre nossas cabeças.

— Não. Não são. — Peter passou a mão pelo rosto. — Estou sozinho há tanto tempo que realmente não pensei em como isso poderia parecer para uma dama.

— É isso que pensa de mim, Peter? Uma dama?

— Claro, Bet. — Ela deu uma risadinha e ele franziu a testa, com vincos aparecendo em seu belo rosto. — Do que está rindo?

— Consegue imaginar aquela senhorita de luxo vindo aqui e vendo isso?

— Madeline?

— Era esse o nome dela? Aquela com a pena grande? — Elizabet levantou

a mão no ar como se estivesse empurrando o objeto imaginário para longe.

Peter pensou sobre isso por um momento e depois riu. — Acho que isso poderia ter acabado com ela — puxou uma cadeira. — Mas preciso tirar um pouco do peso desta perna. Se não se importa.

— Ah, é claro. Onde estão suas muletas? — Ela moveu a cesta de piquenique para o outro lado da mesa e levou os pacotes até o colchão no chão. Ela viu as muletas apoiadas em um canto escuro perto da lareira, junto com vários sapatos simples, alinhados em uma fileira.

Pegando-as, voltou e viu que Peter estava sentado com a perna embaixo da mesa. Suas mãos estavam se movendo e, em seguida, a perna de madeira caiu no chão com um baque. Ele deu um suspiro de alívio.

— Apenas deixe-a. Vou pegá-la em um minuto.

Elizabet passou por ele e encostou as muletas na parede. Ela podia ver a transpiração pontilhando a testa do marido. Ela não tinha certeza do que fazer.

— Peter? — a cor de seu rosto havia se esvaído. — Precisa de um médico?

Ele balançou a cabeça. — Não. Só preciso de um minuto.

Elizabet se abaixou para pegar a perna de madeira. Era pesada e macia, feita de madeira, ferro e couro. Não era de se admirar que pesasse tanto! Estava desgastada em alguns lugares onde Peter havia se apoiado nela ao caminhar. Havia uma articulação no joelho, presa com acessórios de ferro que permitiam um leve movimento. Na parte superior, um suporte de couro que ficava atrás da perna de Peter segurava uma tira com uma fivela que prendia a perna dele e levava a um copo de couro que sustentava o membro.

Elizabet notou que o couro era escuro e ligeiramente úmido. Quando esfregou o polegar sobre ele, manchas vermelhas coloriram sua pele.

— Peter, está sangrando.

CAPÍTULO SETE



Peter observou enquanto Elizabet esfregava o sangue entre dois dedos. Fechou os olhos por um momento. Não queria que o visse assim. Sabia que em algum momento ela o veria, mas não dessa forma. Não agora.

Preféria dar a ela tempo para se acostumar a ficar perto dele antes mesmo de ver a realidade do que era seu membro amputado. Ou o que restava dele.

A mão dele desceu até a perna da calça e pôde sentir a pele espreitar através do tecido rasgado da calça. Quando seus dedos roçaram a pele crua, uma onda de dor subiu pela perna tão rapidamente que Peter se apoiou na mesa para não perder o controle.

— Não é incômodo, Bet. É só onde a perna esfrega minha pele.

— Deixe-me ver sua perna. — Ela colocou a bota ao lado das muletas e se ajoelhou no chão ao seu lado. A cabeça dela roçou na mão dele, e Peter a fechou em punho para não estender a mão e acariciar o cabelo dela.

— Não. Eu cuido disso. — moveu a mão para impedi-la de ver a carne enrugada.

— Eu insisto. — afastou a mão dele com um gesto. — Deixe-me ajudar. É para isso que estou aqui. — Puxando a perna da calça dele, ela parou quando o tecido se abriu ao longo da costura. Havia uma fileira discreta de colchetes costurados ao longo da costura das calças. Isso permitia que ele vestisse a calça, depois a prótese e prendesse a perna da calça ao redor dela. — Isso é incrível — disse ela, tocando os ganchos com os dedos. — Pensou nisso sozinho?

— Não. O homem que estava consertando minhas calças sugeriu isso depois que eu estraguei meia dúzia de pares de calças. Havia tantos remendos nelas que o alfaiate não conseguia mais consertá-las. Ele achou que seria mais fácil modificar uma perna só.

— É mesmo? — Os olhos verdes dela olharam para ele.

— Ajuda, sim. Tenho pares de calças que uso quando estou com minhas muletas. É mais fácil simplesmente dobrar e prender o tecido nelas.

— É brilhante. — Ela afastou a costura e pôde ver a pele irritada onde antes estava a perna dele. — Oh, Peter — sussurrou. — Precisamos limpar isso. Parece dolorido. Há quanto tempo está assim?

— Bem, desde que perdi minha perna.

— Eu quis dizer a pele crua, nunca cicatrizou? — Ela soprou levemente e Peter deu um pulo. O hálito dela era suave e frio contra a carne escaldante dele.

Ela podia ver inchaços se formando na carne dele, do mesmo tipo que se formava nos braços dela no frio, mas estava quente lá fora.

— Sim, mas a prótese faz fricção. É por isso que normalmente não a uso. Não é como se eu precisasse me arrumar para os bois ou as galinhas. A velha Bessie não se importa se eu estiver sem uma perna.

— Achei que não dava nome aos animais. — Ela o olhou por baixo dos cílios.

— Acho que dei nome a ela.

Ela colocou as mãos em volta da carne enrugada e Peter prendeu a língua entre os dentes para não gritar.

— Estou machucando-o?

Não era dor da maneira que ela imaginava. O simples fato de as mãos dela tocarem sua carne fez com que ele sentisse um calor de outro tipo.

— Não — ele conseguiu cuspir.

Alheia ao desconforto dele, Elizabet continuou a examinar onde a madeira e o couro roçavam sua pele.

— Não está quente, o que é bom. É exatamente como disse. Vamos limpá-lo e acho que deve deixá-lo arejar e secar. — Ela rolou para trás em seus calcanhares. — Onde há uma tigela ou um balde?

— No armário. — Ele apontou para perto da escada.

— Lembro-me de quando meu irmão caiu do cavalo — disse ela por cima do ombro enquanto se dirigia ao armário. — Aquela coisa maldita o arrastou. A pele de suas costas ficou toda rasgada. Ele teve de dormir de barriga para baixo, sem camisa ou lençol, para que a pele pudesse secar. O médico disse que isso ajudaria a cicatrização.

Ele ouviu o armário se abrir e ela vasculhar o conteúdo. Não havia muita coisa lá dentro. Apenas uma tigela, um pequeno saco de panos, uma barra de sabão, uma lâmina de barbear e um espelho. Os passos de Elizabet ressoaram pelo assoalho de madeira e ela colocou a tigela, o sabonete e dois panos sobre a mesa.

— A água está lá fora — ofereceu Peter.

Sem dizer uma palavra, ela saiu para encher a tigela pequena. Quando voltou, se ajoelhou ao lado dele novamente e colocou a tigela no chão. Enquanto pegava o sabão e os panos, Peter flexionou a mão várias vezes. Não conseguiu se conter. Seus dedos se estenderam e ele acariciou as mechas macias dos cachos dourados dela.

— Tem um cabelo tão bonito, Bet. É da cor do trigo do verão.

A cor se espalhou por suas bochechas. Ele esqueceu que ela não estava acostumada a esses elogios e prometeu elogiá-la todos os dias. Ela ignorou suas palavras e começou a trabalhar, lavando delicadamente a pele e depois enxaguando-a com água limpa. A pele parecia menos irritada enquanto a água fria escorria pelo membro até a tigela. Secando-o com cuidado, olhou para cima como se estivesse se lembrando de algo importante.

— Está vendo minha bolsinha sobre a mesa?

Ele a viu do outro lado da mesa. Inclinando-se, a pegou com dois dedos e a passou para ela. — O que precisa daí?

Ela puxou os fios que prendiam sua bolsinha e, quando eles se soltaram, retirou uma pequena caixa e a mostrou para ele.

— A Sra. Arden disse que isso acabou de chegar. Veio da Pensilvânia. Consegue imaginar?

— O que é isso?

— Chama-se Wonder Jelly. Veja todas as coisas maravilhosas que ela pode fazer. — Arrancou a parte de cima da caixa e deixou cair um pequeno frasco de vidro em sua mão. — Beneficia todos os inchaços, feridas, hematomas, queimaduras, bolhas, cortes e pele irritada. A Sra. Arden disse que os trabalhadores da fábrica estavam usando petróleo para lubrificar as hastes das máquinas e que isso era uma espécie de pós-produto. Acontece que os trabalhadores passavam esse produto em suas mãos quando queimavam a pele e isso fazia com que ela cicatrizasse mais rapidamente. — Ela finalmente respirou fundo e Peter tentou não rir. — Estou falando muito rápido, não estou? Todd sempre dizia que quando eu ficava animada, falava muito rápido.

— Comprou isso para mim? — Sua garganta engrossou quando ela assentiu. — O quê? — ele limpou a garganta. — Quando?

— Quando ela estava cortando o tecido. Paguei por ele ali.

— Não deveria ter gastado seu dinheiro comigo, Bet.

— Gastou o seu comigo. — Ela abriu o frasco e inalou profundamente. — O cheiro é horrível, mas supostamente funciona. — Levantou o frasco. — Quer dar uma cheirada?

Peter levantou as mãos em um gesto de rendição. — Não, confio em você.

— Confia? — Ela piscou os olhos rapidamente.

— Sim. Que o cheiro é horrível.

Elizabet riu e enfiou o dedo no frasco. — Fique quieto. Não sei se isso vai doer ou não. — Ela espalhou a pomada gordurosa sobre a pele crua de Peter. — Está doendo?

Ele balançou a cabeça. A pomada acalmou sua pele quase que imediatamente. A pomada enegrecida tinha um cheiro único, mas Peter ficou grato pelo alívio; e não tinha o calor residual do linimento de capsaicina.

Ela tampou o frasco e o colocou sobre a mesa antes de limpar o dedo com o pano seco. — Vou lavar minhas mãos e podemos jantar.

Peter estendeu a mão e agarrou o braço dela. — Obrigado. Minha perna está muito melhor. — Ao olhar para ela, ele notou que seus olhos se suavizaram. Talvez, apenas talvez, estivesse olhando para ele como um homem completo?

— Fico feliz. Nossos votos diziam na saúde e na doença. Eu sempre o cuidarei.

Peter beijou as costas da mão dela. O cheiro da gelatina maravilhosa encheu suas narinas. Não era tão horrível quanto Elizabet fazia parecer. Pelo contrário, era reconfortante. Pressionando a mão dela contra sua bochecha,

sussurrou contra sua pele.

— É uma dádiva de Deus, Bet. — Ele apertou sua mão antes de soltá-la.

Enquanto ela saía para lavar as mãos e despejar a tigela de água, Peter fechou os olhos e fez uma oração de agradecimento pela primeira vez desde que perdeu a perna.

CAPÍTULO OITO



Elizabet cantarolou enquanto colocava uma baga grande na boca, parando apenas para saborear o sabor doce que cobria sua língua. Ela fechou os olhos por um momento, mastigou pensativamente e imaginou a expressão de surpresa no rosto de Peter quando fizesse uma torta de amora para a sobremesa.

Eles estavam casados há dois dias e eram os mais felizes de toda a sua vida. Peter se arrastou para a cama improvisada no chão depois do jantar e adormeceu imediatamente. Disse a Elizabet que havia uma cama no andar de cima que poderia usar, mas Elizabet não queria saber disso.

E se o marido precisasse dela?

Então, se enfiou debaixo das cobertas e se deitou de lado, deixando que os roncos suaves de Peter a fizessem dormir. Na manhã seguinte... ela corou ao pensar nisso.

Não havia nada de errado com seu marido. Nada mesmo.

Aos olhos dela, ele era perfeito. Sua mão passou suavemente sobre o vestido do dia e ela rezou para que logo pudesse contar a ele que a família estava crescendo.

Dois dias. Ela se perguntou quanto tempo levaria para saber.

Talvez ela pudesse perguntar ao médico na próxima vez que fosse à cidade. Suspirando pesadamente, desejou ter alguém que a tivesse ensinado sobre essas coisas enquanto crescia. Lucinda não a ajudava em nada.

Com a mão no balde de metal, ela retirou outra fruta e a examinou cuidadosamente antes de colocá-la na boca. Ela viu muitas criaturas rastejantes nos arbustos para simplesmente mastigar sem perceber.

Tentada a comer outra, observou sua colheita com cuidado. Se devorasse mais, não haveria o suficiente para uma torta. Ela parou no celeiro e pegou os ovos da tarde, colocando-os gentilmente em cima das bagas, antes de ir para a casa.

Peter estava sentado na varanda com um homem que ela não reconheceu. Levantou a mão para proteger os olhos do sol, mas ainda não conseguia ver quem era o estranho.

Olhando para o vestido coberto de suco de amora, Elizabet mordeu o lábio inferior. Não sabia que eles estavam esperando companhia, caso contrário, poderia ter adiado sua aventura na colheita de amoras.

Aproximando-se com cuidado da varanda, notou a sobrancelha de Peter se erguer ao observar seu traje.

— Parece que teve uma aventura e tanto, Bet — disse Peter com um leve humor.

Parando no último degrau, ela segurou o balde com as duas mãos e mexeu os dedos sujos dos pés que apareciam por baixo da saia.

— Fui colher amoras no riacho. — Ela olhou para o estranho. — Pensei em fazer uma torta de amora para a sobremesa.

Peter se inclinou para frente.

— Quantas amoras ainda restam no balde?

Ela estreitou os olhos e sorriu para ele.

— Por que pergunta?

— Considerando seus dedos roxos, seus lábios manchados e a cor da sua língua, estou me perguntando se há o suficiente para fazer a sobremesa. — Ele deu uma risada. — Se não houver, pelo menos me deixe beijá-la para ver se são doces.

— Peter! — As bochechas dela ficaram coradas. — Tem companhia.

Peter estendeu a mão. — Bet, este é meu irmão, Lukas. Ele chegou depois que saiu. Elizabet pulou para a varanda, ignorando o degrau.

— Lukas? Que maravilha. Sei que Peter está muito feliz por tê-lo de volta. Vai ficar na cidade? Vai ficar pelo menos para o jantar?

— Peter disse que era ousada — Lukas riu. — Posso ver por que se casou com ela, irmão.

— Ele se casou comigo... — A voz dela baixou. — Não importa. Quanto tempo ficará na cidade, irmão Lukas?

Peter agarrou seu braço e a puxou para perto de si, envolvendo seus quadris com o dele. O que normalmente era um toque carinhoso, parecia mais possessivo, como se a estivesse reivindicando na frente do irmão.

Lukas coçou o queixo. Seu cabelo era do mesmo castanho que o do irmão, mas o sol o havia descolorido em alguns pontos.

— Não sei. Gosto de me mudar de um lugar para o outro. Pensei em ficar por uma ou duas semanas, se não se importar. Tem um gado bonito naquele campo ali.

— Pertencem ao meu vizinho — disse Peter.

— Sabe se ele está contratando? Quer mais mão de obra?

— Não sei.

— Há muito trabalho aqui — interrompeu Elizabet —, se estiver procurando emprego.

— Aposto que...

— É verdade, Peter. Poderíamos usar a ajuda.

— Eu posso cuidar de mim mesmo.

Elizabet viu Lukas olhar para a perna de Peter. — Tudo bem que fique no celeiro?

— Peter? — Ela colocou a mão em volta dos ombros do marido e deu um pequeno aperto.

Peter levantou a mão e deu um tapinha na mão de Elizabet. — Temos um

quarto no andar de cima. Depois que foi embora, terminei a casa com apenas um quarto. Pode usá-lo. Nós dormimos no andar de baixo.

— Eu agradeço, irmão.

— Vou entrar e colocar essas bagas em uma torta, depois vou me arrumar. Não vale a pena estragar outro vestido. — Ela deu um sorriso para Lukas. — Estou feliz por estar aqui. — Olhando para o marido, afastou o cabelo da testa dele. — Precisa de alguma coisa?

Puxando-a para um beijo rápido, ele a soltou e balançou a cabeça. — Nada no momento.

Ela entrou na casa e colocou o balde sobre a mesa. Colocou os ovos em uma tigela e as bagas em outra. Cobrindo as bagas com água de um jarro, as deixou de molho por um tempo enquanto lavava o rosto e as mãos.

Cantarolando baixinho, encheu a pia com a água restante e ensabouou uma barra de sabão, esfregando as manchas roxas em suas mãos. Ela ofegou ao se ver no espelho. Parecia uma órfã.

Não era de se admirar que Peter tivesse rido quando a viu.

Sua pele estava corada pelo sol e sardas estavam aparecendo em seu nariz. Uma faixa de sujeira atravessava sua testa e havia um anel de suco de amora em volta de seus lábios. Parecia que não era mais do que uma criança!

Todd sempre lhe dizia para nunca sair sem sua touca. Por que ela não o ouvia?

Esfregando o sabão com fúria, lavou o rosto até que todas as manchas de sujeira e suco de amora desaparecessem de sua pele. Secou o rosto com tapinhas e colocou a bacia no chão. Tomaria um banho mais tarde, mas pelo menos lavaria um pouco da sujeira dos pés antes do jantar. Quando terminou, a água estava preta como melaço.

Fazendo uma careta, secou rapidamente os pés e calçou sapatos de dia e um avental limpo antes de voltar para fora e despejar a água na lateral da varanda. Peter e seu irmão estavam conversando e não queria interromper.

Voltando à cozinha improvisada, separou as bagas da água e as colocou em uma terceira tigela, onde adicionou um pouco de açúcar. Ouviu a voz forte do marido atravessar a janela enquanto conversava com o irmão. Ela não se concentrou nas palavras, em vez disso, apenas permitiu que o tom a envolvesse enquanto terminava de preparar a torta para depois do jantar e, em seguida, fazia um almoço rápido, pois sabia que os homens deviam estar com fome.

Quando limpou a mesa, com exceção de um prato de sanduíches grossos de presunto e uma jarra de limonada gelada, voltou para a varanda.

— O almoço está pronto. — Ela entregou as muletas a Peter e saiu do caminho para que ele pudesse entrar na casa.

— Obrigada, senhora — disse Lukas, seguindo o irmão.

— Fiz limonada, mas posso preparar um bule de café fresco, se preferir.

— Limonada está ótimo, Bet — disse Peter. — Vai se juntar a nós?

Ela balançou a cabeça. — Eu comi, enquanto estava limpando. Vou subir e

preparar o quarto para Lukas. Ainda não tive a chance de abrir as janelas lá em cima.

— Espero que não seja um incômodo, senhora.

Elizabet acenou com o braço.

— Não é incômodo. E me chame de Elizabet. Agora sou sua irmã.

Ela passou pela pia seca e colocou outra fruta na boca antes de subir as escadas para ver o que poderia encontrar.



Peter ouviu a respiração suave de Elizabet enquanto olhava para o teto. O quarto estava quente e queria tirar as cobertas, mas não conseguia. Não tinha força suficiente nos membros para empurrar a cobertura e, se chutasse com a perna boa, corria o risco de chutar a esposa. Ele rolou para o lado e enfiou o pé e o tornozelo por baixo das cobertas, tentando esfriar o corpo.

Ele não sabia se era o calor do verão ou o fato de que Bet estava arrulhando suavemente enquanto dormia, o que o deixava mais quente do que uma torta em uma frigideira de ferro fundido. Empurrou a perna mais para fora e puxou a perna de sua cueca para cima.

Não gostava do modo como Lukas a olhava. Não que seu irmão tivesse feito algo inapropriado. Nem um pouco.

Seu irmão era honrado.

Era trabalhador.

Fazia Elizabet rir a todo momento desde que chegara.

Era capaz.

Ajudava a ferrar os cavalos.

Ajudava a consertar o telhado do celeiro que estava vazando.

Carregava lenha para a fogueira para que Elizabet pudesse cozinhar.

Até sugeriu a criação de uma lareira externa para que não ficasse tão quente na casa.

Estava inteiro.

Lukas tinha as duas pernas, e nenhuma conversa interna iria mudar isso.

Peter precisava admitir. *Ele estava com ciúmes.*

Lukas estava com eles há menos de uma semana e Peter queria que fosse embora.

Não havia razão para o que ele estava sentindo, mas isso o agitava como uma cidra fermentando. Logo se transformaria em vinagre, e nada poderia ser feito para que voltasse à sua forma original.

Elizabet. Sua doce Elizabet tinha sido cada centímetro de uma esposa adequada.

Ela cumpriu as promessas que fez a Peter, garantindo que a casa dele fosse um lar. Ela lia a Bíblia para eles todas as noites. Fazia refeições deliciosas para ele. Limpava o jardim por baixo de todas as ervas daninhas, ordenhava a vaca, consertava o galinheiro e não negligenciava a perna dele.

Não se atrevia a cuidar dele na frente do irmão, mas depois que Lukas ia para a cama, Peter esperava ansiosamente enquanto ela desembrulhava a perna e a banhava gentilmente antes de cobri-la com o que ela chamava de *geleia maravilhosa*.

Peter valorizava muito aqueles momentos em que estavam apenas eles e podia passar os dedos pelo cabelo dela e ver seus olhos se suavizarem quando o olhava. Ela nunca parecia considerá-lo metade de um homem.

Ela o fazia se sentir completo, embora soubesse que não era.

Peter a sentiu se agitar e, com um “whoosh”, foi engolfado pela escuridão enquanto a coberta caía sobre ele.

Não conseguia respirar.

No fundo de sua mente, sabia que era apenas algodão e linha, mas tudo o que podia sentir era o metal pressionando-o, cortando sua carne.

Ele gritou silenciosamente, respirando ofegante enquanto seus dedos arranhavam os lençóis. Sua perna chutou, mas o membro não fez nada para levantar a pesada coberta de seu corpo. Finalmente, conseguiu tirar as cobertas do rosto e empurrá-las até a cintura. O suor cobria cada centímetro dele.

Ele não tinha tido um pesadelo tão real desde logo após o acidente.

Uma voz suave atravessou a escuridão. — Peter?

— Volte a dormir, Bet. Foi só um sonho ruim.

— Eu o ouvi gritando. — Talvez ele não estivesse em silêncio. Sentiu os dedos dela se moverem ao longo de suas costas. — Está encharcado.

— Eu disse que era apenas um sonho. Vou me sentar na cadeira, para não a incomodar. — Tentou rolar, mas sua perna amputada ficou presa nos lençóis. Dando vários puxões, sentiu as roupas de cama se enrolarem com mais força, cortando sua circulação. Peter rosnou na escuridão.

— Peter, o que foi? — Expirando alto, ele agitou os braços contra os demônios invisíveis que o atacavam na escuridão. — Peter. — Os dedos de Elizabet roçaram seu braço. — Peter! — ela implorou. — Pare com isso. Está me assustando.

Ele a ouviu se movendo na cama e indo até a mesa ao lado, onde mexeu com a caixa de fósforos. Com um rápido sibilo, uma pequena luz lançou um brilho no quarto e Elizabet acendeu a lâmpada da mesa. Substituindo o globo na lâmpada, apagou o fósforo e o cheiro de enxofre permaneceu no ar.

Seus olhos estavam arregalados quando olhou para ele. Seu cabelo, que havia sido trançado antes de ir para a cama, estava começando a se desfazer por causa das reviravoltas. Ele estendeu a mão e tocou uma das mechas que se soltaram.

— Não queria assustá-la, Bet.

— Sobre o que foi seu sonho?

— Nada — mentiu. — Não era nada.

— Hmm. Não parecia ser nada. — Ela puxou o lençol. — Levante sua

perna, vou desenrolar isso. — Foram necessários vários puxões para que o membro dele se soltasse dos lençóis, e Elizabet os jogou de lado. — Acho que vou lavá-los amanhã, estão um pouco encharcados.

— Não consegui ficar confortável. Está muito quente.

— Cozinhar em um fogo aberto não ajuda.

— Gostaria de comprar-lhe um fogão. Vi esses fogões de ferro fundido no catálogo.

— Não precisamos de um fogão agora, Peter. Há muitas outras coisas que precisamos antes de comprar um fogão. — Ela rolou para trás em seus calcanhares. — Deixe-me pegar um pano úmido.

— Não. — A mão dele se esgueirou e envolveu o pulso dela. — Não me deixe.

— Não vou a lugar algum. Só vou pegar a tigela de água.

— Não. Só preciso tê-la aqui comigo. Não me deixe.

— Não vou deixá-lo.

— Promete? — Ele se inclinou e encostou seus lábios nos dela.

— Eu prometo — sussurrou contra os lábios dele. — Nunca vou deixá-lo.

Ele a puxou para si, recostando-se na cama, rezando para que as palavras que ela dissera fossem verdadeiras.

CAPÍTULO NOVE



Elizabet colocou ovos no prato de Peter.

— Preciso ir à cidade. Tudo bem se eu levar o Boaz?

— Boaz? — Peter olhou para ela antes de pegar a torrada no prato no meio da mesa. — Não me lembro de nenhum Boaz por aqui.

— Eu dei o nome ao cavalo. — Ela se movimentou ao redor da mesa e colocou ovos da frigideira no prato de Lukas antes de colocar o resto no seu próprio prato.

Ela podia ouvir a risada de Lukas ao fundo. — Eu achava que não dava nome aos seus animais, Peter.

— Não dou.

Elizabet sorriu quando se sentou à mesa e pegou um pedaço de torrada, colocando-o em seu prato.

— Dirá a bênção? — As palavras de Peter foram curtas, e Elizabet ecoou com um leve amém. — Significa *rapidez* na Bíblia — explicou ela ao comer um pedaço de ovo. — Achei que seria um bom nome para ele.

— Para que precisa ir à cidade?

— Isso e aquilo.

Peter levantou uma sobrancelha para ela. — Alguma coisa em particular?

— Preciso ir ao mercado. E se quer saber, quero passar lá para ver o doutor. A preocupação passou pelo rosto de Peter. — O doutor? Está doente?

— Não. Só tenho algumas perguntas que preciso fazer a ele. — Ela deu uma olhada para Lukas. — Sabe como é. Perguntas de mulher.

Lukas ficou muito vermelho e abaixou a cabeça, fingindo estudar os ovos como se fossem a coisa mais interessante que já tinha visto.

— Não tenho tempo para levá-la à cidade hoje — disse Peter. — Weston vai passar por aqui para falar sobre a transferência do gado para o outono.

— Não preciso estar aqui para isso, preciso? — perguntou Lukas.

Peter deu de ombros. — Acho que não. Disse que talvez não esteja aqui no outono.

— Talvez não esteja aqui? Por que não? — Elizabet perguntou.

— Bet. Agora não. — Elizabet olhou para seu marido. O cabelo dele caía para o lado, cobrindo um dos olhos. Ela queria estender a mão e afastá-lo para que pudesse vê-lo observando-a. Podia dizer que havia algo em sua mente, mas não havia compartilhado com ela, e não queria se intrometer. As palavras que Peter dissera na outra noite foram repetidas várias vezes em sua mente.

— Precisa me levar para a cidade, Peter? Não posso ir eu mesma? Não

devo demorar muito.

— Não quero que vá sozinha. Uma mulher que anda sozinha pode se meter em um monte de problemas.

— A Sra. Chapman não vai sozinha?

— Marmee? — Lukas perguntou. — Sempre carrega uma pistola com ela e não tem medo de usá-la. Sabe atirar, Elizabet?

— Lukas, deixe-me lidar com minha esposa, por favor.

— E se eu a levasse para a cidade? Preciso ir ver o ferreiro de qualquer maneira. Podemos voltar antes da hora de alimentar os cavalos.

Peter se mexeu em sua cadeira, com os dedos batendo na mesa. — Peter? Por favor?

Os cantos de sua boca se curvaram para baixo e seus ombros caíram. Com um suspiro, empurrou o prato de ovos não comidos para longe. — Faça o que quiser, Elizabet.

Levantando-se da cadeira, pegou as muletas e as enfiou sob as axilas com tanta força que Elizabet ficou surpresa por ele ainda estar de pé. Foi até a varanda e empurrou a porta com uma muleta antes de sair mancando.

Elizabet piscou rapidamente, com os olhos ardendo ao sentir a dor da rejeição de Peter. Não tinha certeza do que havia feito para deixá-lo irritado.

— Não é contigo — disse Lukas, puxando o prato de Peter e colocando os ovos não comidos em seu próprio prato.

— Como?

— Ele está com raiva de si mesmo.

Elizabet passou a mão na bochecha.

— Não sei por quê. Ele não fez nada para ficar com raiva. Além disso, não acho que eu deva discutir meu casamento contigo.

— Peter alguma vez lhe disse por que fui embora?

— Ele disse que foi embora depois que sua mãe morreu.

— Isso é verdade. — Ele colocou uma garfada de ovos na boca e mastigou pensativamente. — Na verdade, sei porque Peter estava noivo.

— Noivo? — A amargura subiu no fundo da garganta dela, afogando todo o sabor do café da manhã. Peter nunca havia mencionado que estivera noivo antes. Ela olhou para o anel de ouro em seu dedo. Será que esse anel pertencera a outra pessoa? Tocou o anel com os dedos, sentindo a faixa em volta da junta.

— O nome era Lolly, ou algo assim. Não me lembro. Coisinha linda. — Ele deu uma piscadela rápida para Elizabet. — Mas não tão bonita assim. Também não era tão boa cozinheira.

— Obrigada, eu acho.

— Eu estava no celeiro com os cavalos e Lolly passou por aqui. Pensei que tivesse vindo visitar Peter. Acontece que ela tinha outra coisa em mente.

— Você?

Lukas assentiu. — Ela era a mulher do meu irmão. — Deixou o resto sem dizer nada. — Peter veio ao celeiro e Lolly fez parecer que eu estava tentando

seduzi-la.

Elizabet soltou um suspiro. — Mas não estava.

Ele balançou a cabeça. — Peter é meu irmão. Nunca o trairia. Fui embora no dia seguinte.

— O que aconteceu com a Lolly?

— Ela apareceu cerca de uma semana depois na mesma cidade em que eu estava. Disse que queria que eu me casasse com ela.

— Também queria isso?

Lukas terminou de comer os ovos. — Não. Da última vez que ouvi, estava trabalhando em um estabelecimento sobre o qual não se fala na frente de senhoras de bem.

— Mas por que não voltou para casa antes?

Encolhendo os ombros, ele terminou o café. — Achei que queria conhecer um pouco do Oeste. Não era a hora certa.

— É verdade o que Peter disse? Que está planejando ir embora?

— Se eu conseguir encontrar uma esposa que me ame tanto quanto ama meu irmão cabeça-dura, então pensarei em ficar. Caso contrário, estarei apenas de passagem. Quero estar em um lugar mais quente antes que a neve caia.

— Amá-lo? — Ela mal sussurrou as palavras. Fazia apenas uma semana, e sabia que gostava muito de Peter. Era possível se apaixonar por alguém em um período tão curto de tempo?

— É tão claro quanto o nariz em seu rosto. — Afastando-se da mesa, ele se levantou e colocou o chapéu. — A verdade é que Peter a ama. Ele só não quer admitir isso. Obrigado pelo café da manhã. Tenho que consertar o trilho solto no paddock e depois vou para a cidade. Precisamos de alguns pregos e tenho de falar com o ferreiro. É mais do que bem-vinda para vir comigo.

— Vou falar com Peter. Obrigada, Lukas.

Ele saiu pela porta e ela ouviu a voz baixa de Peter dizer algo antes que os passos pesados de Lukas desaparecessem em direção ao celeiro. Elizabet lavou a louça e encheu novamente a xícara de café de Peter antes de sair para vê-lo.

Ele estava sentado na cadeira, balançando para frente e para trás com a perna boa. Seus olhos examinavam a paisagem e Elizabet olhou para ver o que ele estava vendo. Elizabet podia ver a linha de árvores perto do rio e o matagal de sarças onde ela encontrara os arbustos de amora. Ela se perguntou se os pássaros teriam levado todas as frutas. Lukas apareceu do celeiro com uma tábua no ombro e um balde. Lembrou-se do que ele havia dito e voltou sua atenção para o marido.

— Eu lhe trouxe café. Limpei tudo, mas ainda há torradas. Posso fazer um sanduíche de ovo se estiver com fome.

Peter pegou a xícara. — Obrigado. Eu não estou.

Elizabet se sentou na cadeira ao lado dele. — Peter, o que está pensando?

Ele se virou lentamente e olhou para ela. Seus olhos, que brilhavam no dia

seguinte ao casamento, estavam sem brilho.

— Receio não ser capaz de lhe dar o que merece.

Elizabet pegou sua mão e entrelaçou seus dedos nos dele. — O que acha que mereço?

Ele tomou seu café com um gole, pensativo. — Talvez seu irmão estivesse certo.

— Não estou entendendo.

— Merece um homem que possa cuidá-la.

— Já tivemos essa discussão.

— Que tal alguém que possa persegui-la pela casa e balançá-la quando a pegar?

— Bem. Suponho que se eu pegasse suas muletas, teria de colocar sua perna de pau. Então, poderia me perseguir. — Um traço de um sorriso roçou os lábios dele e Elizabet não pôde deixar de levantar a mão para acariciar sua bochecha. — Eu vi isso. O que mais?

— Não quero que se sinta presa a um inválido.

— Peter Arkin, quero que pare com isso agora mesmo. Não é um inválido. É mais homem do que a maioria dos que andam por aí. Precisa parar de falar assim. Não consigo ouvir nem mais uma palavra e preciso ir à cidade. Esquecemos vários itens da última vez que estivemos lá, e preciso comprar mais pomada. Quando acha que pode me levar?

— Weston vai passar por aqui.

— Disse-me isso. — Ela exalou dramaticamente e deixou cair as mãos no colo. — Acho que posso dar minha lista para o Lukas. — Virou a cabeça bruscamente quando Peter resmungou alguma coisa sob sua respiração. — O que foi isso?

— Pelo menos ele seria capaz de carregar o que precisasse da cidade.

— Peter, o que lhe deu? Ele é seu irmão.

— Pelo menos ele tem as duas pernas. — Peter colocou a xícara no chão e se levantou da cadeira. Agarrando suas muletas, tropeçou em direção à grade. Elizabet voou para o lado dele e o segurou, com os dedos envolvendo seus braços para mantê-lo firme.

— Estou contigo — disse ela suavemente. Quando ele parou de se balançar, ela se inclinou para frente e lhe entregou uma muleta. — Sempre estarei contigo — disse ela, entregando-lhe a segunda muleta. Peter se firmou e se virou para voltar para dentro. Pegando sua xícara vazia, ela o chamou. — Há uma coisa que seu irmão não tem. Ele mesmo me contou.

Peter fez uma pausa por um momento e se endireitou até sua altura máxima.

— O que é?

— Ele não tem uma esposa que o ame.



Lukas não tem uma esposa que o ame.

As palavras de Elizabet soaram vazias aos ouvidos de Peter. Lukas poderia ter qualquer mulher que quisesse. Poderia até mesmo ter Bet. Tudo o que Lukas precisaria fazer era mostrar a ela o completo fracasso de Peter como homem.

Peter, no entanto, estava fazendo um ótimo trabalho ao fazer isso sozinho, sem a ajuda de ninguém.

Lukas já havia roubado uma mulher; não queria nem pensar em seu irmão roubando outra. No entanto, a ideia já havia sido plantada e estava criando raízes em todos os seus pensamentos. Ela o atormentava a cada momento, e até mesmo quando estava dormindo.

Devia estar ficando louco.

Nunca poderia deixar Bet saber.

Lukas não tem uma esposa que o ame.

A vontade de bater em algo era grande, mas ele não era um homem violento.

Peter nunca havia batido em um homem antes. Era um homem de palavras.

Peter não batera em Lukas quando pegara seu irmão com Lolly no celeiro.

Não batera em Weston quando seu amigo tentara tirar a garrafa de uísque dele.

Não batera no irmão de Elizabet quando Todd a empurrara no chão. A última fora a mais difícil de todas.

Em vez disso, conseguira resolver cada uma dessas situações com palavras, por mais tentador que fosse bater em alguém até derrubá-lo no chão.

Mas agora, a vontade de bater em alguém, em alguma coisa, em qualquer coisa... surgiu dentro dele e ardeu com uma raiva tão volátil que consumiria tudo ao seu redor.

Precisava fugir.

Mas para aonde iria correr?

Ah! Essa foi ótima. Tinha uma perna boa.

Ele não podia correr para lugar algum.

Poderia muito bem levar Elizabet para a cidade. Poderia se afastar da fazenda e talvez se acalmasse quando voltassem. Ela tinha uma maneira de acalmá-lo diferente de qualquer outra pessoa.

Quando se virou, Peter viu a Bíblia da mãe dela na cadeira de balanço. A lombada grossa estava desgastada pelo uso e a capa da frente estava rachada e desbotada. Ele pulou e estendeu a mão para baixo, passando o dedo ao longo das palavras em relevo na frente.

Quero ensinar nossos filhos a lerem a Bíblia.

Lukas não tem uma esposa que o ame.

De repente, o significado das palavras de Elizabet ficou claro.

Será que Elizabet realmente o amava?

Ou Lukas estava apenas dizendo isso?

Girando em sua muleta, se arrastou até a varanda e rezou para que Elizabet

não tivesse ido para o quintal. Ela não estava na varanda, mas sua xícara de café estava na grade. Seus olhos se voltaram para encontrá-la perto do cercado com Lukas.

Olhá-la o deixou sem fôlego. Elizabet passou os dedos pelo cabelo loiro, que deslizou pelo ombro antes de cair em cascata pelas costas. Peter sabia como aqueles fios eram macios quando deslizavam por seus próprios dedos.

Ela virou ligeiramente a cabeça para ouvir algo que Lukas dizia, e Peter pôde ver onde o sol havia beijado suas bochechas. Ela estava vestida com o novo vestido comprado no mercado. Ele lhe caía perfeitamente - o tecido azul brilhante se agarrava a cada curva, antes de se alargar a partir da cintura.

Ela se inclinou para dizer algo a Lukas e acenou levemente com a mão no ar. Lukas soltou uma gargalhada que fez o estômago de Peter endurecer. Saindo da varanda, balançou suas muletas e moveu a perna em direção ao paddock.

— Bet! — Seus punhos se fecharam ao redor das alças das muletas, a madeira cravando em seus dedos e palmas. Ela não o ouviu. Peter viu a mão dela se mover mais uma vez... e *então aconteceu*.

Como se o tempo estivesse se movendo lentamente, Peter observou a mão de Lukas se erguer e passar por suas tranças loiras. Elizabet levantou a mão, afastou o braço de Lukas e gritou.

Sem se mexer, Peter cambaleou para frente, lutando para alcançar sua esposa o mais rápido possível. Momentos depois, ele moveu-se pelo quintal com a velocidade de um homem sobre duas pernas e uma fúria ofuscante que só seria contida quando Lukas estivesse no chão.

Abrindo caminho entre Lukas e Elizabet, Peter levantou a muleta mais próxima de sua perna inteira para não cair e a apontou para o peito de Lukas.

— Tire as mãos da minha esposa — rosnou ele, empurrando Lukas de volta para a grade de madeira do paddock.

— Ei, calma — disse Lukas. — Eu só estava tentando...

— Vi o que estava tentando fazer. Se tocar nela de novo, vou arrancar seu braço...

— Peter! — Elizabet gritou, colocando a mão no braço dele e abaixando a muleta. — Era um inseto.

— Eu não me importo. — As palavras não estavam sendo registradas. O ar saiu de seus pulmões quando tentou falar. — Pegue sua cesta, Bet. Vou levá-la para a cidade.

— E o Sr. Chapman?

Peter não tirava os olhos do irmão, seu lábio se curvava em desgosto por Lukas estar ali.

Lukas aceitou o desafio, com os braços cruzados sobre o peito, as narinas dilatadas como o touro premiado de Weston, o queixo projetado para a frente.

— Lukas pode ficar aqui para encontrá-lo — Peter rosnou.

— Peter...

— Agora, Elizabet. — Seu tom fez com que sua esposa se apressasse para

reunir seus poucos pertences. Observou enquanto Lukas espiava por cima do ombro de Peter para seguir Elizabet correndo de volta para a casa.

— Se não tomar cuidado, irmão...

Lukas não teve a chance de terminar seu pensamento quando Peter largou a muleta e deixou seu punho se conectar com sua mandíbula. Os nós dos dedos rangeram quando a mão apertada encontrou carne e osso, e ele ofegou quando a dor subiu pelo braço, fazendo-o tropeçar para trás.

Ao perder o controle da muleta que segurava, Peter cambaleou e tentou manter o equilíbrio com a única perna boa, mas seus esforços foram inúteis. Com a mão vazia, ele fez círculos no ar, tentando encontrar algo que impedisse sua queda. Quando a muleta escorregou na terra, sentiu um puxão forte na frente da camisa.

Com os olhos arregalados, Lukas sorriu, com sangue e saliva escorrendo de seus lábios.

— Acha que sabe do que está falando — Lukas cuspiu sangue no chão. — Não sabia naquela época. Não sabe agora.

— Sei que seduziu Lolly. Não vou permitir que faça o mesmo com minha esposa.

Lukas soltou a camisa de Peter. Enquanto Peter cambaleava para trás, Lucas o agarrou mais uma vez.

— Nunca fiz nada com Lolly. Fui embora porque sabia que isso ia causar mais problemas do que ela valia.

A cabeça de Peter começou a doer. — Disse-me que mandou buscá-la e que era por isso que ela estava indo embora.

O rosto de Lukas se contorceu em confusão. — Eu nunca mandei. Não sei como ela me encontrou. Quando o fez, saí daquela cidade. Depois a próxima. Depois a outra. — Ele empurrou Peter em direção à cerca do paddock para que pudesse manter o equilíbrio e, em seguida, entregou-lhe a muleta que caiu no chão. — Eu juro, irmão, que nunca fiz nada. Nunca lhe faria mal, ou a Elizabet. — Seus olhos se voltaram para a casa. — Ela está voltando.

— Por que estava tocando nela?

— Ela tinha um besouro preso em seu cabelo. Só isso.

Lukas passou a mão pelo rosto e, pela primeira vez, Peter pôde ver como seu irmão estava maltrapilho. Os olhos que brilhavam pareciam cansados nos cantos. Sua pele estava sem brilho, e ele simplesmente parecia... *triste*.

— E-eu — gaguejou Peter. Sentiu-se envergonhado. Seria bom para ele se Lukas lhe desse um soco de volta.

— Sabe que ela o ama?

Peter olhou para os campos. Estava muito envergonhado para olhar para seu irmão.

— Não seja tolo, Peter. Vai afastá-la se não tomar cuidado. Qualquer homem teria muita sorte em ter uma mulher como Elizabet como esposa. Certifique-se de que a mereça tanto quanto ela o ama.

Peter olhou para trás e viu Elizabet passando correndo por eles em direção

ao celeiro. Sob o braço dela, ele notou que estava carregando sua perna de pau. Olhando de volta para Lukas, ele assentiu. — Eu vou. Me perdoa?

Lukas assentiu e puxou Peter para um abraço forte, dando-lhe um tapa nas costas. — É para isso que servem os irmãos. Leve sua esposa para a cidade e eu seguirei, depois de me encontrar com o Sr. Chapman.

Peter assentiu e foi mancando em direção ao celeiro, com o orgulho ainda doendo como a dor nos nós dos dedos.

CAPÍTULO DEZ



Elizabet cavalgou em silêncio ao lado do marido até não aguentar mais.

— Vai me contar o que aconteceu lá atrás?

— Não.

— Lukas vai estar lá em casa quando chegarmos?

Peter olhou para ela e deu de ombros. — Não sei.

— Pelo menos eu tenho a lista dele.

— Por que teria a lista dele?

— Disse a ele que estava indo para o mercado, Lukas tem que ir ao ferreiro.

— Hmmm.

Ela se aproximou e tocou os nós dos dedos esfolados de Peter. — Bateu nele, não foi?

— Bet, isso é entre mim e o Lukas.

— Da mesma forma que o que disse ao meu irmão ficou entre os dois?

— Sim.

Ela se inclinou sobre o banco e colocou sua cesta sobre o assento. Tirando o pequeno frasco de vidro, devolveu a cesta, depois pegou a mão de Peter e a colocou em seu joelho.

— É tão teimoso quanto seu irmão. — Abrindo o frasco, esfregou o dedo dentro dele para raspar o restante da pomada do fundo do vidro. — Irmãos teimosos têm a tendência de irritar todo mundo.

Passando a pomada nos nós dos dedos dele, fechou o frasco e o jogou de volta na cesta antes de esfregar cada dedo, cobrindo a pele rasgada com a geleia protetora.

— Está chateada?

— Bem, não estou contente. Não quero vê-los brigando.

— Nós não estamos mais brigando.

Elizabet sorriu. — Isso é bom. Gosto de seu irmão.

— É disso que tenho medo.

— São muito parecidos. Fortes. Honrados. Bondosos.

— Ele me disse que estava tirando um inseto do seu cabelo.

— Ele estava. Havia um besou... Peter Arkin. — Elizabet se deu conta. — Estava com ciúmes?

Peter olhou para o cavalo que puxava a carroceria. — Talvez eu tenha ficado — disse ele suavemente.

— Por quê? Sou casada contigo, Peter. Contigo! — Ela passou a mão pelo

cotovelo dele e a apoiou em seu braço. — Acho que nossos votos diziam na doença e na saúde. Na graça e na teimosia.

Peter soltou uma risada alta. — Devia estar sentindo dor. Não me lembro dessas últimas.

— Lukas me contou sobre Lolly. — O sorriso desapareceu do rosto de Peter. — Ela foi uma tola por tratá-lo daquela maneira. Quero que saiba que, por mais que eu goste do seu irmão, será apenas isso. Um irmão. É meu marido. O único homem que amarei em minha vida.

— Então, me ama? — A sugestão de um sorriso passou por seus lábios.

— Acho que sim. — Ela balançou os dedos em seu braço. — Sei que não estamos casados há muito tempo, mas só no período em que estamos juntos passei a gostar muito de você.

Peter enrolou os dedos em volta da mão dela. — Eu sinto o mesmo.

— Essa é sua maneira de dizer que me ama?

— Sim. — Ele sorriu. — Sim, é.

— Espero que Lukas fique.

— Por que isso?

— Ele é seu irmão, e a família é importante.

— Lembro-me de ter dito que queria ter sua própria casa.

Ela encostou a cabeça no ombro dele. — Tenho minha própria casa. Não acho que Lukas me pediria para sair.

— Talvez precisemos encontrar uma esposa para ele.

— Talvez. Ele disse que talvez devesse encontrar uma hoje pela manhã no café.

— Ele disse? Não me lembro disso.

— Estava na varanda. Talvez seja bom para ele se estabelecer e não ficar mais vagando de cidade em cidade.

— Weston estava dizendo que Marmee se considera uma grande casamenteira agora.

— Bem, então talvez possa encontrar alguém para o Lukas.

Durante o resto da viagem, conspiraram sobre o tipo de esposa que imaginavam que Lukas precisava. Estavam rindo tanto que mal conseguiam respirar quando pararam ao lado do mercado.

— Quer me dar sua lista? — Peter perguntou, enquanto acionava o freio contra o volante.

— Por que não vem comigo? Preciso ver o doutor.

Suas sobranceiras se franziram de preocupação. — Está doente?

— Não. — Saltando da carroça, foi até atrás do banco e pegou a perna de madeira dele. — Queria ver se poderíamos encontrar uma perna que lhe servisse melhor. Ou vamos encontrar um pouco de couro e estofamento, e vou fazer algo para a parte de cima.

Peter olhou-a por um momento e ela jurou que havia lágrimas brilhando em seus olhos. Finalmente, ele assentiu e se abaixou do assento. Equilibrando-se em suas muletas, a seguiu pela rua estreita até o prédio de madeira que

abrigava o consultório do Dr. Mueller. Elizabet segurou a porta aberta enquanto Peter entrava mancando.

— Olá! — Elizabet chamou.

Peter sentou-se em uma das cadeiras do saguão. Logo um homem de aproximadamente 50 anos apareceu por trás de uma grande cortina. Seu cabelo era loiro e caía para um lado. Ele usava óculos quadrados presos às orelhas por fios finos, com olhos azuis que pareciam maiores do que o normal por trás das lentes grossas. Não era alto, mas também não era baixo, e tinha a aparência de alguém que gostava de uma boa refeição de vez em quando.

Doc, como era conhecido, foi um dos primeiros colonos de Flat River e conhecia todos os moradores da cidade.

— Peter! O que o traz à cidade hoje? E Elizabet. Espero que não haja nada de errado.

— Minha esposa queria passar aqui para vê-lo.

— Eu estava pensando se poderia me ajudar a deixar a perna do Peter mais confortável para ele — disse Elizabet, segurando a prótese do Peter.

— Posso fazer algo melhor do que isso. Venha cá. — O doutor puxou a cortina para o lado e levou Elizabet e Peter para uma pequena área de exame. — Isso chegou na diligência ontem. Eu ia passar na sua casa para vê-lo, mas me pouparam a viagem. — Ele tirou uma caixa da lateral de sua mesa. — Nem tive a chance de abri-la.

— O que é? — perguntou Peter. A caixa tinha pelo menos um metro de comprimento.

Doc colocou a caixa em pé e, pegando uma faca de sua mesa, deslizou-a pela lateral da embalagem.

— Cuidado. — A caixa se abriu e uma engenhoca diferente de tudo que Elizabet já tinha visto caiu no chão. — Mande buscar isso há mais de seis meses. Finalmente chegou. Dá para acreditar? — O doutor levantou o item e o colocou de pé.

Parecia um pé cor de carne que dava lugar a uma perna de madeira, depois a um invólucro de couro e era cercado por acessórios de latão.

— O que é isso? — ela perguntou.

O doutor o girou para que Elizabet e Peter pudessem vê-lo de todos os lados.

— É chamado de membro artificial A.A. Marks. Observe como ele se parece mais com uma perna natural. Há uma articulação no tornozelo que permitirá que ande sem a rigidez associada à marcha longa de sua perna atual. Toda a parte superior da perna será revestida para que não tenha a pressão do coto contra a madeira. E aqui, abaixo de onde está seu joelho, ele realmente se dobra.

— De que é feito o pé? — Elizabet perguntou, olhando para os dedos dos pés que pareciam reais.

— Borracha. Camadas de borracha.

— Não posso usar uma perna como essa. A borracha se rasgaria.

— Há madeira dentro da borracha, por isso o desgaste é mínimo. Mas pode colocar isso em uma bota.

— Então, não vai parecer que está usando uma perna falsa? — Elizabet levou os dedos à boca. Peter estava olhando para a engenhoca com admiração.

— O que acha? — perguntou.

— Nunca vi nada parecido em minha vida.

— É claro que não — disse Doc, rindo. — Eles ainda não fizeram muitos desses e eu lhe consegui um dos primeiros.

— Não sei se posso pagar por ele.

— Eu escrevi para a empresa. Pedi uma amostra médica. Vou escrever um artigo sobre isso depois de seis meses. — Seus olhos brilharam. — Vamos experimentá-lo?

— Será que vai servir? — Peter estava em dúvida.

— Deve ficar bem próximo. Enviei a eles tudo o que sabia a seu respeito.

— Vou sair por um momento. — Elizabet voltou para a área de espera e pôde ouvir o médico e Peter lutando com o membro artificial. Ela tentou não dar risada ao ouvir sons de excitação e frustração vindos de trás da cortina. Finalmente, Peter a chamou para ver.

Elizabet espiou por trás da cortina e ofegou ao ver seu marido de pé. Ele era muito mais alto do que quando usava a bota de madeira que ela carregava. Seus ombros estavam para trás e estava orgulhoso, enquanto esperava a reação dela. Ela não saberia dizer que ele não tinha um membro, a não ser pela pequena protuberância na área do joelho causada pelo mecanismo de articulação e pelos dedos de borracha rosa que apareciam na calça de lã preta.

— Oh, Peter! — Ela piscou rapidamente, enquanto as lágrimas começavam a arder. — Parece... — As palavras lhe escaparam.

— Bonito? — sugeriu ele.

Ela riu.

— Alto. — Ela se adiantou e o abraçou. Os braços de Peter a envolveram e ele beijou o topo de seu cabelo. — Bonito, também — admitiu. — Como se sente?

— Como uma luva.

Doc tirou os óculos e os limpou na bainha da camisa.

— Quero que o pegue e use por uma semana, depois volte e veremos se precisamos fazer algum ajuste.

— Teremos que comprar um par de botas no mercado — disse Elizabet.

— Essa é uma compra que terei prazer em fazer.

Doc ofereceu a Peter um par de meias. Peter as calçou para proteger o pé de borracha e se dirigiu à porta, mas não antes de Elizabet dar um abraço em Doc.

— Vá em frente, Peter. Tenho uma pergunta rápida para o médico.

— Tem certeza de que precisa que eu vá?

— É uma pergunta bastante delicada.

Peter olhou para ela por um momento e então suas sobrancelhas se

ergueram.

— Vou levar isso para a carroça e a encontro lá.

Ela observou Peter sair do consultório médico e esperou o som da porta se fechando.

— Em que posso ajudá-la, Sra. Arkin? — perguntou o doutor.

— Tenho perguntas sobre bebês.



UM ANO DEPOIS

Elizabet abriu um pouco os olhos e logo os fechou novamente.

Ela precisava mandar fazer cortinas para cobrir as janelas.

Esticando os braços acima da cabeça, rolou e estendeu as mãos, agarrando o ar, em vez dos músculos sólidos das costas do marido. Mantendo os olhos fechados, ela deu um tapinha na cama, sentindo o colchão macio e os lençóis que Peter havia colocado de volta no lugar.

Abrindo um olho, gemeu novamente quando uma pontada nas costas insistiu que era hora de acordar.

Que horas eram? E onde estava Peter?

Rolando mais uma vez, balançou os pés no chão e sentiu os sapatos do dia com os dedos, deslizando os pés no couro macio.

— Bom dia, pequeninos — disse ela, abrindo os olhos e esfregando a barriga. — Vamos cuidar das coisas matinais primeiro e depois procurar o papai. O que acham? — Outra pontada nas costas de Elizabet não deu trégua à sua bexiga delicada. — Tudo bem, tudo bem, estou me levantando.

Ela não conseguia acreditar quando o médico lhe disse que estava carregando duas vidas preciosas.

— Deve haver algo na água — Marmee riu. Ela deveria saber, havia pelo menos três pares de gêmeos na família Chapman.

Pegando o seu xale, Elizabet o colocou em volta dos ombros e desapareceu atrás de um biombo para cuidar de suas abluções matinais antes de se vestir e ir em busca do marido.

— Peter? — Ela fechou a porta do quarto atrás de si e entrou na grande sala.

Com o crescimento da família, decidiram que fazia sentido acrescentar mais quartos, para que Elizabet e Peter não dormissem no chão perto da lareira.

Eles ampliaram a casa e acrescentaram dois quartos no andar principal, além de uma despensa maior e uma área de cozinha separada. O andar de cima tornou-se o quarto particular de Lukas, mas passava a maior parte do tempo fora, com os vaqueiros, voltando para casa somente quando o tempo ficava insuportável.

Foram necessários três meses para construir o anexo, com Peter e Lukas trabalhando nele entre as outras tarefas da fazenda. O último cômodo ficou

pronto quando os primeiros flocos de neve começaram a cair.

Peter tinha sua própria surpresa para Elizabet. Um grande fogão de ferro fundido com quatro bocas, uma caixa de lenha e um forno chegaram ao mercado só para ela. Foram necessários quatro cavalos para carregá-lo até a fazenda e três homens para descarregá-lo. Elizabet não conseguia parar de beijar o rosto do marido enquanto desembalavam o lindo fogão preto.

— Veio de Nova York — Disse a ela. Peter havia feito o pedido em um catálogo no mercado.

Ela ficou encantada com o fato de terem um quarto de verdade para dormir, com uma cama que não estava no chão. Peter era um grande fabricante de móveis, e Elizabet achou que ele poderia ter encontrado uma nova ocupação que preenchesse sua mente e suas mãos.

Ela chamou o marido mais uma vez, mas não o ouviu. Foi até a mesa da cozinha para ver se havia deixado algum bilhete, mas não havia nada além de um prato de biscoitos frescos sobre a mesa com um pequeno pote de geleia de morango que havia feito no início da semana.

Pegando um dos biscoitos, ela o untou com a geleia e o levou para fora em busca do marido. O sol de verão já estava alto no céu, indicando que devia estar perto do meio-dia. Não conseguia acreditar que havia dormido metade do dia. O que seu marido devia estar pensando dela?

Sua consciência pesou ao se lembrar da severidade com que julgava Lucinda por estar sempre cansada.

Colocando o último pedaço de biscoito na boca, mastigou enquanto olhava o quintal em busca de algum sinal do marido ou do cunhado. A carroça não estava lá, o que significava que ou Lukas tinha ido à cidade ou Peter. Duvidava que Peter fosse embora sem avisá-la.

Ela esticou os ouvidos para ouvir qualquer som perto da casa, mas apenas o som das galinhas ciscando na sujeira chegou a seus ouvidos. Tirou as migalhas dos dedos e foi em direção ao celeiro.

O som da voz rica de Peter cantando ecoou pelo celeiro quando ela abriu a porta. Viu-o no canto, sentado em um banco com um pedaço de madeira preso entre os joelhos. Suas mãos se moviam para frente e para trás, esculpindo um padrão intrincado ao longo de uma borda da madeira com um cinzel de metal.

Ela entrou silenciosamente no celeiro e ficou na sombra para poder observar o marido. Os músculos sob a camisa dele se flexionavam a cada volta do cinzel. Sua nova perna estava perfeitamente dobrada para segurar o pedaço de madeira no lugar, e ele não estava fazendo caretas como fazia com sua antiga prótese. Ela não arranhava sua pele com tanta frequência quanto o antigo apêndice, mas Elizabet ainda passava a pomada todas as noites cuidando da pele delicada do marido antes de dormir.

Rose Arden brincou dizendo que o mercado não conseguia manter a Vaseline's Wonder Jelly desde que Elizabet começara a contar a todos sobre ela.

— No que está trabalhando? — perguntou Bet.

— O segundo beijo. — Ele sorriu ao colocar o cinzel no chão e estender o braço. — Estou feliz por estar finalmente acordada — disse ele roucamente. — Venha cá, Bet.

Elizabet sentiu o timbre dele até os dedos dos pés, que estavam se enroscando nas botas. Ficando entre as pernas dele, Peter colocou as duas mãos na barriga inchada e depositou um beijo no tecido áspero do vestido. Os dedos dela se arrastaram pelo cabelo escuro dele e o puxaram gentilmente.

— Vou precisar cortar seu cabelo novamente. Está ficando comprido. Tenho sido negligente, marido.

— Nunca. — Ele beijou a barriga dela novamente. — Precisa descansar. Marmee disse que ficava extremamente cansada quando carregou seus gêmeos.

— Obrigada por fazer os biscoitos. Ou foi o Lukas que os fez hoje de manhã?

— Addie os trouxe. Ela e Lukas foram a um piquenique na igreja hoje.

— Addie?

As mãos de Peter subiram para seu pescoço e ele depositou beijos em seu queixo. — Ele a conheceu na casa de Marmee. Acho que ela é sobrinha, prima ou algo assim. Mas não veio aqui para perguntar sobre isso.

Os lábios dele capturaram os dela e Elizabet fechou os olhos, inclinando-se para ficar mais perto. A mão de Peter acariciou gentilmente a barriga dela em um gesto de proteção, enquanto calafrios percorriam sua pele. Ela se sentiu desmaiar quando ele aprofundou o beijo.

Como esse homem poderia afetá-la dessa maneira?

Peter deve ter sentido seu balanço, pois seus braços a envolveram, segurando-a rapidamente no lugar. Ele a puxou para baixo em seu colo e ela sentiu o metal das braçadeiras que prendiam a prótese à parte superior de sua perna cortando sua pele.

— Não quero machucá-lo.

— Não vai. Deixe-me apenas abraçá-la por um segundo. Toda vez que a abraço, me faz sentir completo. Eu a amo muito, Bet.

Elizabet se virou ligeiramente. — Eu amo... Oh, Peter! — Ela se afastou dele e começou a caminhar de volta para a porta do celeiro. A vontade de vomitar era enorme. A escuridão consumiu sua visão, e estrelas apareceram atrás de seus olhos. Ela estendeu a mão, lutando contra a cegueira para encontrar a porta do celeiro como apoio. Seus pulmões se comprimiram no peito enquanto tentava ofegar, mas encher os pulmões era inútil. Em segundos, a dor diminuiu e ela pôde respirar novamente.

Peter estava ao seu lado imediatamente.

— Bet? O que foi? — Ela esticou o braço para trás tentando encontrá-lo, com o braço se debatendo loucamente. Finalmente, ela segurou sua mão, podia sentir que ele estava tremendo. — Bet?

Inalando profundamente, pressionou a mão na parte inferior das costas.

— Acabei de sentir uma dor horrível em toda a minha coluna e nas minhas

pernas.

— É por causa dos bebês?

— Não sei. Tive esses tremores a noite toda, mas agora estão me tirando o fôlego.

— Precisamos levá-la para a casa. — Peter a virou e se abaixou, abraçando Elizabet em seus braços.

Elizabet envolveu seus braços em volta do pescoço dele e tentou não se encostar em seu peito. Ela sentiu Peter puxá-la para mais perto.

— Peter, me coloque no chão, eu posso andar.

— Calma, esposa. Posso carregá-la.

O calor irradiava através dela, e fechou os olhos, ouvindo o som suave do latão roçando na madeira. Ele nunca teria tido a confiança necessária para carregá-la antes.

Na verdade, sua confiança havia retornado dez vezes mais desde que o Dr. Mueller o ajustou adequadamente para a nova perna.

Ela se concentrou no som da porta abrindo e fechando. Ouviu o som das botas dele batendo no chão em direção ao quarto deles. Logo o calor do abraço de Peter desapareceu quando a colocou gentilmente na cama.

Ele beijou sua testa.

— Preciso ir chamar o médico.

Elizabet assentiu. Estava ficando muito doloroso respirar novamente. Quando finalmente conseguiu respirar, acenou para Peter.

— Eu sei. Vá. Provavelmente seria melhor ir primeiro à casa dos Chapman. Eles podem mandar alguém buscar o Doc.

— Não vá a lugar algum. — Ele beijou a testa dela mais uma vez.

— Bem, eu estava pensando em pegar Boaz e cavalgar até a cidade, mas vou esperar um pouco — brincou ela.

— Vou me certificar de levá-lo comigo. — Com uma última olhada, ele se foi.

Elizabet se recostou nos travesseiros e fechou os olhos, uma única lágrima rolando pelo rosto enquanto esperava o retorno do marido. Ela deve ter cochilado, pois foi acordada pelo som de movimento na sala principal.

— Peter? — chamou. Ela estava tão ressecada que sua voz saiu como um choro fraco. Quando não obteve resposta, chamou mais uma vez.

Uma sombra preencheu o cômodo.

— Não, sou eu, Luk... Elizabet! — Lukas correu para o lado dela. — Onde está o Peter?

Elizabet agarrou a mão de Lukas.

— Ele foi chamar o médico. Os bebês estão chegando.

— É muito cedo. Addie! — ele chamou. Uma mulher jovem, um pouco mais velha que Elizabet, entrou no quarto. — O que sabe sobre o nascimento de bebês?

— Posso entrar? — perguntou uma voz suave. Elizabet assentiu. Ela só queria que a dor acabasse. Sentiu uma pequena mão em sua barriga e a voz

suave contou em voz alta. — Esses bebês estão nascendo agora. Vá ferver um pouco de água e encontre alguns lençóis de linho para mim. Também vou precisar de uma bacia com água limpa e fria.

— Os lençóis estão ali no armário. — Elizabet apontou para o canto.

— Fora. Fora. — A mulher chamada Addie empurrou Lukas para fora do quarto. — Quando a água estiver fervendo, quero que vá buscar a Marmee. — Ele assentiu e apertou a mão de Elizabet antes de desaparecer da sala.

— Quem é a senhora? — Elizabet perguntou, olhando para a mulher que se aproximava da cama. Ela era muito bonita, com longos cabelos castanhos presos para trás com uma fita preta.

O colchão se inclinou quando a mulher se sentou.

— Meu nome é Addison Aland. Estou visitando a tia Ingrid e o tio Weston durante o verão. A senhora é Elizabeth?

— Bet... Elizabet.

— Lukas me contou tudo a seu respeito. Há quanto tempo está sentindo dor?

— A noite toda, mas nada como isso.

— Bem, os bebês vêm em seu próprio tempo, então guarde suas forças.

Elizabet fechou os olhos e ouviu a voz suave de Addie. Logo ela estava ajudando Elizabet a se sentar na cama e a empurrar seus bebês para o mundo. Os gritos fortes e raivosos dos recém-nascidos saudáveis encheram o ar e Elizabet caiu contra os travesseiros com um soluço.

— Tem duas filhas lindas — disse Addie, entregando um bebê a Elizabet.

Bateram na porta e Marmee Chapman entrou.

— Parece que tem tudo sob controle aqui. Excelente trabalho, Addison. Como está se sentindo, Elizabeth? — Ela colocou uma mão fria na testa de Elizabeth.

— Onde está Peter?

— Ele está lá fora com o resto dos homens. Mandeí um dos meus homens à cidade para buscar o médico, mas parece que se saiu muito bem. Addie, termine de limpar os bebês, cuidarei de Elizabeth e depois Peter poderá entrar e ver seus filhos.

Addie ficou e fez o jantar, para a alegria de Lukas. Quando todos finalmente saíram e os bebês estavam acomodados em um berço, Peter se juntou à sua esposa na cama. Suas costas estavam encostadas na parede, com o braço envolvendo a esposa. Elizabet encostou a cabeça em seu ombro enquanto conversavam baixinho sobre suas lindas filhas e como eram gratos pelos vizinhos que os ajudaram. Os olhos dela estavam ficando pesados enquanto Peter traçava círculos em seu braço.

— Não está desapontado por não serem meninos? — Elizabet perguntou, puxando o cobertor até os ombros.

Peter beijou o topo de sua cabeça. — Nunca. Não consigo pensar em nada que me deixe mais feliz do que duas garotinhas que se parecem com a mãe.

— Mas pensei que queria filhos.

Peter continuou a traçar círculos. — Acho que qualquer homem quer. — Ele deu uma leve risada. — Isso só significa que teremos que continuar tendo filhos, Bet.

— É incorrigível, Peter — Ela riu —, mas eu o amo. Já pensou em nomes?

— Estava pensando que poderíamos dar a uma o nome de nossas mães.

— Rose, em homenagem à sua mãe. Beulah, em homenagem à minha.

— Acho que soa bem. Rose Beulah Arkin. O que acha?

— Hmmm — respondeu Elizabet com sono. — É lindo. E quanto à nossa segunda filha?

— Que tal Ingrid Elizabet?

— Ingrid? — Ela se aconchegou nos braços do marido e permitiu que o calor dele a envolvesse. — De onde veio esse nome?

— Esse é o nome verdadeiro de Marmee. Afinal de contas, foi ela que nos uniu.

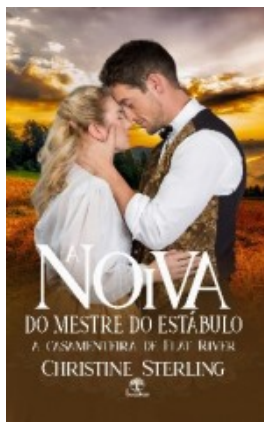
— Rose e Ingrid. Esses nomes são perfeitos.

Minha família é completa, pensou ela, enquanto adormecia.

EM BREVE



LIVRO 2



Uma mulher que precisa de um lar; um homem que precisa de uma mãe para seus filhos e um casamento de conveniência que atende às necessidades de ambos.

Hannah Woods perdeu tudo. Com apenas duas opções: casar-se ou tornar-se uma mulher manchada, ela aproveita a chance de um casamento arranjado. Não importa que não tenha afeição pelo noivo; ela não quer ficar sozinha. Não estava preparada para Hiram King e suas duas adoráveis protegidas.

Hiram King não tem intenção de se casar novamente, mas suas duas filhas precisam de uma mãe, e a irmã de sua falecida esposa está pressionando-o a entregar as meninas para ela criar. Quando uma casamenteira local se oferece para encontrar uma esposa, ele tem uma condição: será um acordo estritamente comercial.

Hiram conseguirá lutar contra sua crescente atração por Hannah? Quando ocorre uma tragédia, Hannah conseguirá encontrar coragem para lutar por sua nova família? O que acontece quando Hiram começa a se apaixonar por sua nova esposa - será que isso é suficiente para um casamento de conveniência se tornar muito real?

Descubra nesse romance histórico de uma cidade pequena com um toque de fé.

Leia esse romance histórico com mulheres fortes e heróis protetores.

OS CHAPMANS



LIVRO 1



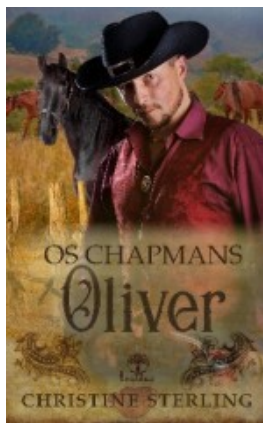
Owen Chapman tem sonhos tão grandes quanto o céu do Nebraska. O que acontece quando um corpo aparece no rancho Chapman e a noiva do morto vem pedindo respostas?

Os planos de Owen Chapman de começar um rancho de cavalos estão finalmente se tornando realidade. Com seus irmãos como parceiros de negócios, ele sabe que não há como falhar. O que ele não esperava era que uma beldade do Sul chegasse e ressuscitasse uma rixa de dez anos que ele achava que estava finalmente no passado.

Elenore 'Ellie' Brooks anseia por casamento, filhos, aventura e uma vida no Oeste. Quando seus planos mudam, ela responde a um anúncio de noiva por correspondência. Mas quando chega em Flat River, Nebraska, nada é como imaginava e ela se vê empurrada para uma família local até que possa voltar para casa. O que ela não contava era com o irmão mais velho e o modo como ele a fazia questionar suas escolhas na vida.

Ellie poderia convencer Owen a não a mandar de volta para casa no próximo estágio, deixando a cidade? Owen será capaz de deixá-la ir quando o irmão do morto chamar, reclamando a mão de Ellie em casamento?

LIVRO 2



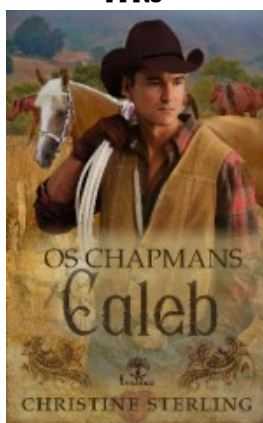
Oliver Chapman está vivendo sua melhor fase; tem tudo o que precisa, sem intenção de se casar. Isto é, até que uma mulher misteriosa aparece em seu rancho. Um casamento de conveniência poderá levar Oliver a perder seu coração?

Uma mulher maltratada é a última coisa que Oliver Chapman esperava ver ao explorar o campo. E sabia que não tinha escolha a não ser levá-la para casa e permitir que se curasse. Mas chegar perto de Willow está se mostrando mais difícil do que dos cavalos que correm soltos na pradaria.

Willow Stephens não confia nos homens. Ela foi usada pelo irmão para pagar uma dívida de jogo, e o homem que possui essa dívida é um dos mais perversos que já conheceu. Quando ela mata um homem em Flat River, Nebraska, sabe que precisa fugir. Mas não contava em ser resgatada por um cowboy alto e bonito, nem que sua família a protegeria com tudo o que tem.

Quando a lei vier à procura de Willow, será que Oliver fará o sacrifício final para protegê-la? Será que ele perderá seu coração e sua liberdade no processo? E Willow, aprenderá a confiar em Oliver o suficiente para lhe dar seu coração? O amor poderá conquistar todas as coisas e deixar a verdade libertá-las?

LIVRO 3



Um homem ansiando por perdão. Uma mulher cumprindo uma promessa; o

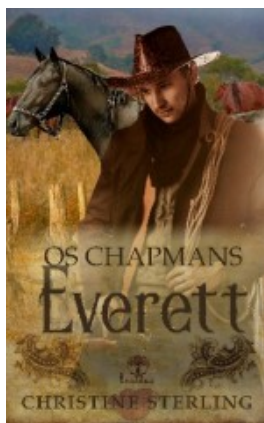
perigo que os une.

Caleb Chapman nunca se recuperou da morte de seu irmão. Ele se culpa e promete seus dias restantes para proteger sua família. A chance para a aventura chama quando ele lidera uma condução de gado do Texas a Nebraska. O que ele não espera é encontrar uma mulher bonita sem memória de quem ela é ou como chegou lá.

Lydia Whitcomb não se lembra de porque está fugindo ou protegendo um menino de sete anos. Ela só sabe que algo terrível aconteceu e ela está agora em uma viagem de gado para Nebraska. O que ela não espera é um cowboy bonito para vigiá-la até que sua memória possa retornar.

Qual é o segredo que Lydia está escondendo? Lydia será capaz de esconder seus sentimentos por Caleb tão facilmente quanto esconde suas memórias? Uma vez que seu segredo venha à tona, separará o casal ou finalmente será o acerto de contas que eles precisam?

LIVRO 4



Ela quer a aventura de uma vida; ele precisa curar velhas feridas familiares. Se eles vão ajudar um ao outro, eles não podem se apaixonar ao longo do caminho.

Polly Phillips vai para o oeste para ajudar sua melhor amiga a se casar. Ela sonha em deixar os limites da cidade para trás e abraçar cowboys, cavalos e o céu mais azul do que qualquer coisa que ela já viu. Ora, ela pode até tentar arranjar um marido para si mesma! Que sorte que ela encontra um grupo de cowboys quando sua carruagem quebra na beira de Flat River. O que ela não contava era sua primeira apresentação a Everett Chapman sendo envolta em seus braços enquanto ele a carregava para a cidade.

Everett não tem tempo para uma garota da cidade, especialmente uma que invada sua propriedade e dê ordens como um general. Não importa quão bonita ela seja, ou como ele gostaria de mantê-la quieta beijando seus lábios. Como o filho mais novo, ele é a última esperança na cura de um conflito familiar que remonta há quase trinta anos. Quando ele está sendo pressionado

a se casar com a filha do vizinho, Annamae Hartman, como ele pode se concentrar no namoro, quando todos os pensamentos são consumidos pela bela loira do sul?

Quando Annamae pede ajuda a Polly para conseguir um marido, Polly está entregando a outra mulher nos braços do homem que ama? A atração entre Polly e Everett pode ser deixada de lado para ajudar a família Chapman a se curar? Polly encontrará a aventura que ela quer, mesmo que não seja a que ela estava procurando?

LIVROS



Cansada de ver seus quatro irmãos mais velhos assustando todos os pretendentes, Alice decide fazer justiça com as próprias mãos. O que ela não esperava, era que o amigo de infância da família percebesse o quanto crescida ela estava e jurasse protegê-la, mesmo que fosse de sua própria família.

Alice Chapman fugiu de casa para ficar com um homem que ela pensou que iria amá-la, honrá-la e apreciá-la. Quando seus sonhos se transformaram em pesadelos, ela finalmente foi resgatada e trazida de volta para casa em Flat River, Nebraska. Agora ela não tem perspectiva de se casar pois a maioria dos homens a considera um bem danificado. O que ela não esperava era que o irmão mais velho de sua melhor amiga a notasse. Ela adoraria uma oportunidade de encontrar Chat Hartman novamente, mas seus irritantes irmãos mais velhos, estão no caminho!

Chat Hartman tem outras coisas em mente além de começar um romance com alguém. Ele deve lidar com a morte do homem que pensava ser seu pai e a percepção de que seu verdadeiro pai morava na casa ao lado. Então por que ele se sente tão atraído pela tímida, Alice Chapman? Ele sabe que ela passou por uma provação terrível e isso esmagou sua personalidade extrovertida. Não ajuda que ele tenha uma rixa de longa data com seus irmãos mais velhos, que se intensifica devido a um mal-entendido na cidade.

Chat conseguirá lutar contra a atração que sente por Alice? Quando ele propõe um casamento de conveniência, será capaz de resolver os problemas de ambos? Será que Alice se sentirá segura no escuro novamente; e seu

coração estará em perigo mais uma vez pelo belo homem determinado a resgatá-la de seu passado?

PREQUELA



Uma mulher mais forte do que imagina, um homem que subestima seu amor e a aventura de uma vida que os espera na trilha.

Ingrid Aland fica com o coração partido quando ouve que, Weston Chapman decidiu se juntar a uma caravana em direção ao oeste. Todos os seus sonhos de casamento, filhos e vida cercada pela família estão prestes a morrer em um instante, a menos que ela dê um passo de fé e deixe Wes conhecer seus sentimentos e o siga para o grande desconhecido.

Weston Chapman ouviu histórias de extrema dificuldades na trilha. Submeter uma frágil Ingrid a isso é a última coisa que ele queria fazer. Não importava que ele estivesse deixando seu coração em Boston. Ele prometeu mandar buscá-la assim que se instalasse, mas Ingrid tem outros planos. Quando Weston descobre Ingrid e sua melhor amiga escondidas na parte de trás de sua carroça, ele vai mandá-la para casa ou mantê-la com ele para sempre?

Quando um segredo é revelado na jornada, isso destruirá amizades? Os Chapmans conseguirão permanecer no comboio? A temporada de Natal trará esperança e cura para dois jovens casais tentando desesperadamente realizar seus sonhos?

SOBRE CHRISTINE



Christine Sterling publicou seu primeiro livro de forma independente em 2017. Ela é a criadora da popular Pinkerton Matchmaker Series, Proxy Bride Series e North and South Series. É autora em várias colaborações, incluindo: The Belles of Wyoming, Cowboys and Angels, The Widows of Wildcat Ridge e Silverpines, onde seu livro Wanted: Medicine Man ganhou o melhor romance histórico de 2018. Ela recentemente se juntou à Sweet Promise Press como uma escritora histórica. autora de romances, escrevendo a série Pioneer Brides of Rattlesnake Ridge.

Ela escreve romances históricos de faroeste doces e saudáveis, bem como romances contemporâneos agradáveis. Ela mora na Pensilvânia com o marido, um Shih Tzu mimado, dois pastores alemães e um enérgico Border Collie, que a mantém alerta.

Ela passa seu tempo escrevendo, pensando em escrever e sonhando em escrever. Suas coisas favoritas são uma boa xícara de chá, cachorrinhos aconchegados, um filme que vai fazer você chorar e ouvir seus leitores.

INFORMAÇÕES LEABHAR



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Capítulo Um](#)
5. [Capítulo Dois](#)
6. [Capítulo Três](#)
7. [Capítulo Quatro](#)
8. [Capítulo Cinco](#)
9. [Capítulo Seis](#)
10. [Capítulo Sete](#)
11. [Capítulo Oito](#)
12. [Capítulo Nove](#)
13. [Capítulo Dez](#)
14. [Em Breve](#)
15. [Os Chapmans](#)
16. [Sobre Christine](#)
17. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)

15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)

59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)
100. [100](#)
101. [101](#)
102. [102](#)

- 103. [103](#)
- 104. [104](#)
- 105. [105](#)
- 106. [106](#)
- 107. [107](#)
- 108. [108](#)
- 109. [109](#)
- 110. [110](#)
- 111. [111](#)
- 112. [112](#)